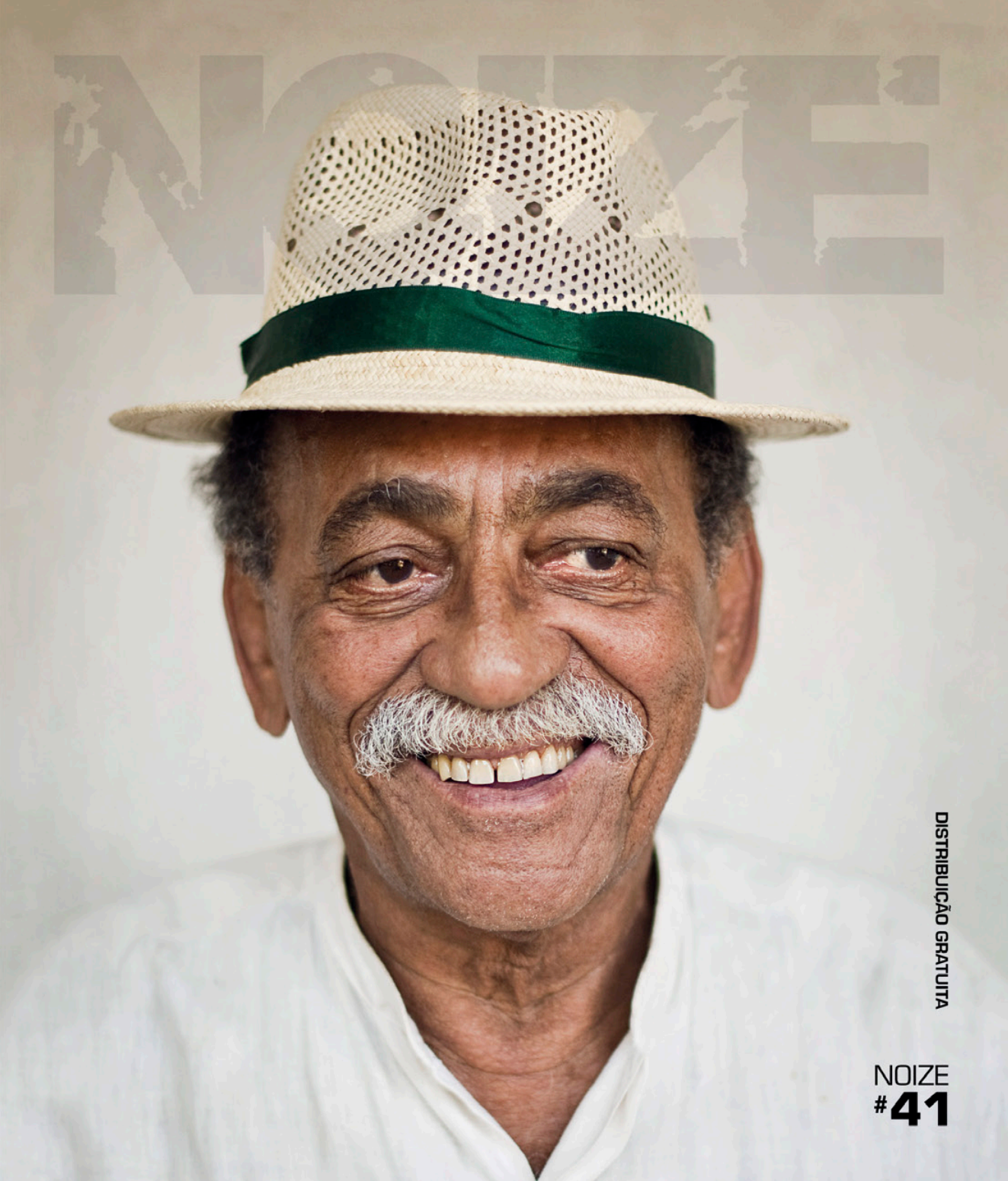


DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

NOIZE
#41







GLOBE™

UNITED BY FATE

WWW.GLOBE.TV



ÁGUA GELADA?

ASSINE A REVISTA *NOIZE
por um ano e não se preocupe
mais com isto.

ACESSE
NOIZE.COM.BR/ASSINATURA





BILLABONG.



e concorra a este wetsuit irado da Billabong

Sorteio dia 08 de abril.

*A revista continua de graça. Você paga apenas R$XX para cobrir os gastos de manuseio e envio e recebe a NOIZE durante um ano inteiro na sua casa.

NOIZE
DO UNDERGROUND AO MAINSTREAM

EXPEDIENTE #41 // ANO 5 // MARÇO '11_

DIREÇÃO:
Kento Kojima
Pablo Rocha
Rafael Rocha

COMERCIAL:
Pablo Rocha
pablo@noize.com.br
Silvana Fuhrmann
silvana@noize.com.br

DIRETOR DE CRIAÇÃO:
Rafael Rocha
rafarocha@noize.com.br

EDITORA CHEFE:
Cristiane Lisbôa
cristianeliboa@noize.com.br

EDITOR:
Tomás Bello
tomas@noize.com.br

REPÓRTER ESPECIAL:
Fernando Corrêa
nando@noize.com.br

REDAÇÃO:
Alex Corrêa
alexcorrea@noize.com.br
Maria Joana Avellar
joana@noize.com.br

DESIGN:
Felipe Guimarães
felipe@noize.com.br

EDITORA NOIZE.COM.BR:
Lidy Araújo
lidy@noize.com.br

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO:
Pedro Braga
pedrobraga@noize.com.br
Marília Pozzobom
marilia@noize.com.br

DISTRIBUIÇÃO:
Marcos Schneider
marcos@noize.com.br

GERENTE DE PROJETOS:
Leandro Pinheiro
leandro@noize.com.br

PROJETOS ESPECIAIS:
Bruno Nerva
brunonerva@noize.com.br
Júlia Lang
julialang@noize.com.br
Igor Beron
igor@noize.com.br
Laryssa Araújo
laryssa@noize.com.br

ANUNCIE NA NOIZE:
comercial@noize.com.br

ASSINE A NOIZE:
assinatura@noize.com.br

AGENDA:
shows, festas e eventos
agenda@noize.com.br

ASSESSORIA JURÍDICA:
Zago & Martins Advogados

PONTOS:
Faculdades
Colégios
Cursinhos
Estúdios
Lojas de Instrumentos
Lojas de Discos
Lojas de Roupas
Lojas Alternativas
Agências de Viagens
Escolas de Música
Escolas de Idiomas
Bares e Casas de Show
Shows, Festas e Feiras
Festivais Independentes

TIRAGEM:
30.000 exemplares

CIRCULAÇÃO NACIONAL

FOTO DE CAPA_



FERNANDO SCHLAEPFER
Confira mais trabalhos do fotógrafo em seu flickr pessoal
http://www.flickr.com/anendfor/
ou em ***http://ihateflash.net/***

COLABORADORES | NOIZE #41

1. Fernando Schlaepfer_ Designer por formação, ilustrador por aptidão, DJ. por diversão e fotógrafo por paixão.
2. Gaía Passarelli_ Gaía Passarelli gosta de descobrir música nova e comanda o GOO na MTV Brasil.
3. Lalai e Ola_ Lalai trabalha com mídias sociais, mas também é promoter, produz a festa CREW e às vezes banca a DJ. Na adolescência foi metaleira e ainda nutre sua paixão eterna pelo AC/DC, sua banda do coração. Atualmente tem ouvido muito folk e sons etéreos, mas na pista gosta mesmo de um electro bem pesado e não abre mão de um bom show de rock..
Ola é sueco, DJ, fotógrafo, designer entre outras coisas. Está sempre com o fone de ouvidos e atrás de músicas novas. Gosta de psicodelias sonoras, rock, breaks, dubstep e foge do pop. Os graves e os grooves são o que mexem com sua cabeça.
4. Paloma Sá_ Publicitária, urgente, palavreira, superlativa, , doadora de risos, adicta por compartilhar, desenvolvedora de ideias, criadora de casos, motivadora de relações, "As time goes by", no fim é tudo amor.
5. Marcos Faria_ já foi jornalista no tempo das máquinas de escrever mas hoje não acredita em palavra escrita. *almanaque.wordpress.com*
6. Camila Mazzini_ Jornalista e fotógrafa morando em são paulo mas não sabe o que quer da vida. *flickr.com/photos/camila_mazzini*
7. Ariel Martini_ ainda insiste em fazer fotos de show.
flickr.com/arielmartini
8. Eduardo Guspe_ Membro fundador do Núcleo Urbanóide, ultimamente se dedica a produzir DONUTS.
9. Leonardo Bomfim_ Jornalista e diretor de cinema, edita o *freakiumemeio.wordpress.com*
10. Ana Malmaceda_ Jornalista desorganizada, tenta picotar o mundo e guardar os pedaços mais bonitos. Não passa um dia sem se encantar com alguma história e socializa até com árvores.
11. Nícolas Gambin_ Jornalista freela. Aprecia tocar The Meters com amigos nas horas vagas.
12. Daniel Sanes_ Jornalista por formação, lunático por opção e roqueiro de nascimento. Um dos editores de música do site *www.nonada.com.br*.
13. Fernando Halal_ Jornalista malemolente, fotógrafo de técnica zero e cinéfilo dodói, não morre sem ver um show do Neil Young
www.flickr.com/fernandohalal
14. Diego de Carli_ Jornalista a serviço da publicidade. Já segurou a mão de Beth Gibbons e soltou lágrimas no Rio Danúbio. Hoje vive num quartinho de empregada.
15. Lucca Rossi_ Recém-formado jornalista que implica com tendências e não entende porque uns são hype e outros, cool.
twitter.com/lucca_rossi
16. Tony Alex_ *www.tenhomaisdiscosqueamigos.com*

Os anúncios e os textos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista. Revista NOIZE - Alguns Direitos Reservados

THIS IS NOIZE SUPERSTYLLIN'!



1


2

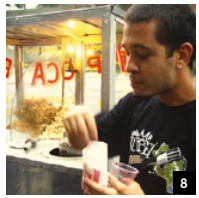

3


4

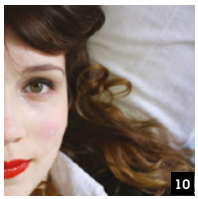

5


6


7


8


9

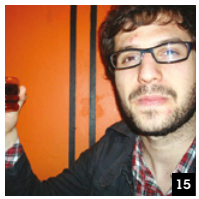

10


11


12


13


14


15

SE VOCÊ NÃO GOSTOU DA NOIZE PASSE ADIANTE


TNT
TIJUANA
É TNT
/tntenergetico YouTube
/tntenergydrink facebook
@energydrinktnt twitter



MULTISOLUTION

_FOTO: RAFA ROCHA





LIVE IS MUSIC

NOME_
Mark “The Cobrasnake” Hunter

PROFISSÃO_
Fotógrafo

UM DISCO_
Elliott Smith - *Either Or*



“Gosto de fotografar cultura e música. São provavelmente o que há de mais forte na cultura de cada local e na cultura pop. Ela une as pessoas e faz elas se divertirem.
Ver as pessoas curtindo bandas e DJs ao vivo é muito especial. DJs são rockstars hoje em dia, e são muito icônicos para a nossa geração. Gosto de fotografar esse universo.”

LEIA ISTO

"BATE OUTRA VEZ, COM ESPERANÇA O MEU CORAÇÃO POIS JÁ VAI TERMINANDO O VERÃO, ENFIM. VOLTO AO JARDIM, NA CERTEZA QUE DEVO CHORAR. POIS BEM SEI QUE NÃO QUERES VOLTAR PARA MIM."

Cartola | em "As rosas não falam"

"A MELHOR MANEIRA DE COMEÇAR UMA AMIZADE É COM UMA BOA GARGALHADA. DE TERMINAR COM ELA, TAMBÉM."

Oscar Wilde

"Happy times together we've been spending, I wish that every kiss was never ending. Wouldn't it be nice (Tempos felizes temos passado juntos. Eu queria que todo beijo fosse interminável. Não seria legal?" **Beach Boys** | em "Wouldn't It Be Nice")

"SOMETHING GOOD CAN WORK (UMA COISA BOA PODE FUNCIONAR)."

Two Door Cinema Club | em "Something good can work"

"Primeiro nós temos que fugir desse bar, depois da cidade e depois do país. Tá dentro ou tá fora?"

Bill Murray para Scarlett Johansson | em *Encontros e Desencontros*, filme de Sofia Coppola

“LET`S PUT A SMILE ON THAT FACE *(VAMOS COLOCAR UM SORRISO NESSE ROSTO)*”

Coringa | em *Batman, O Cavaleiro das Trevas*

“Felicidade é boa saúde e má memória.”

Ingrid Bergman

“A pergunta não é o que vamos fazer, mas o que não vamos fazer.”

Ferris Bueller | em *Curtindo a Vida Adoidado*

“Viver! E não ter a vergonha de ser feliz. Cantar e cantar e cantar...”

Gonzaguinha | em “O Que É, O Que É?”

“Se a única coisa de que o homem terá certeza é a morte; a única certeza do brasileiro é o carnaval no próximo ano”

Graciliano Ramos | em *Em Liberdade*

“CARPE DIEM. SEIZE THE DAY, BOYS. MAKE YOUR LIVES EXTRAORDINARY.” *(“CARPE DIEM. APROVEITEM O DIA, GAROTOS. FAÇAM SUAS VIDAS SEREM EXTRAORDINÁRIAS”)*

De ***Sociedade dos Poetas Mortos***, o filme

“Se o amor é fantasia, eu me encontro ultimamente em pleno carnaval.”

Vinícius de Moraes

NOIZE #41



Rafa Rocha

CARNAVALIZA A VIDA, CORAÇÃO*

As cigarras estão confusas. Março deveria ser o tempo de ensacar o violão e transformar o confete em "pedacinho colorido de saudade". Mas agora, 2011, ano pré-fim do mundo, o carnaval—justo ele—caiu em março. E institucionalizou o tempo de festas até para inauguração de castelos no ar. Aqui na NOIZE decidimos colocar nosso bloco na rua apesar da chuva, do suor e da cerveja. Temos seções novas, colaboradores recém chegados (bem-vindos, fiquem a vontade, tem bebida na geladeira), sangue fresco na equipe fixa e estantes maiores para que caibam os dicionários velhos, os vinis, os cds, as mochilas e tanta referência distinta. Nosso primeiro samba-enredo está nas suas mãos neste exato instante. No refrão, Wilson das Neves e Vampire Weekend; na poesia, Jeneci; no brilho, Kate Nash; e nas alegorias, Patti Smith, Lobão, LCD Soundsystem e mais Democracia carnavalesca, que significa que podemos falar, gostar e desgostar de tudo ao mesmo tempo, agora e sempre. Rock 'n' roll, punk, pop—escolha o seu samba e baile.

A celebração começou tarde justamente para não ter hora para acender as luzes e baixar o som. Portanto, venha. Traga amigos, amigos dos amigos, ideias e sons desconhecidos. E bora convidar as formigas pra dançar também.

* Trecho da música "Muitos carnavais" de Caetano Veloso. Em dado momento desta mesma letra, ele diz: "vamos desentender". Então, vamos?

_OUVINDO

Marcelo Jeneci - *Feito pra Acabar*
Tulipa Ruiz - *Efêmera*
Adele - *21*
Toro Y Moi - *Underneath The Pine*
The Decemberists - *The King is Dead*











Rafa Rocha

_OS ALQUIMISTAS ESTÃO CHEGANDO |

O mago mandou avisar: "Eu estou ensaiando música por música o LP *Tábua de Esmeralda*, para a gente fazer um show. Manda o recado pro pessoal, manda no Twitter!", disse Jorge Ben Jor. A mobilização para que ele tocasse o antológico Tábua de Esmeralda na íntegra começou no site Queremos e ganhou apoio da classe artística e dos fãs. Se tudo ocorrer como se espera, em breve vai ser possível ouvir ao vivo o violão característico, sincopado, percussivo, inimitável de Ben ao longo de canções que em 1974 mudaram o tom da música brasileira. Salve, Jorge.


Divulgação

_APERTE O ORÇAMENTO... A GRANA VAI SUMIR |

O ano de 2011 vem dando seus primeiros passos, e a alegria é geral pela nação tupiniquim: olhe para lá ou para cá, para a direita ou esquerda, e o ano é para todos os tipos de bunda (quer dizer, gostos). Se o verão deixa lembranças do teor alcóolico da Amy, do mergulho africano dos nova-iorquinos do Vampire Weekend e dos beats roqueiros do LCD Soundsystem, os próximos meses fazem o Brasil atar as mãos com queridinhos do indie, deuses do metal, estrelas pop e mestres da arte de compor. Prepare o bolso! A histeria sonora trilha este caminho. Já em março, Iron Maiden, The Drums e Ozzy Osbourne desembarcam no país. Em abril, a agenda é recheada: The National, Cypress Hill e Deftones, Elvis Costello, Avenged Sevenfold, Motorhead, U2 e Muse. Sobrevivendo a isso, gelo nas pernas para chacoalhar ao lado do Cut Copy, em junho, enquanto setembro traz os holofotes para o retorno do Rock in Rio ao... Rio (dã!). Na Cidade do Rock, as cartas estão marcadas com Sir Elton John, Red Hot Chili Peppers, Snow Patrol, Metallica, Coldplay, Coheed and Cambria e o escambau.


Rafa Rocha

_CADÊ O MUNDO QUE ESTAVA AQUI? |

A improvável queda de ditadores, a descoberta do poder do povo pelo próprio povo, o desejo de democracia e a capacidade de organização de rebeldes com causa está invertendo os rumos da história. Primeiro o povo da Tunísia derrubou um presidente, no poder havia 23 anos. A ideia chegou no Egito e 18 dias de revolta popular derrubaram 30 anos de poder autoritário. Some a isto a provável mudança de 25 cm no eixo da terra, causada por terremotos e tsunami no Japão, e o fato de que o Brasil é governado por uma mulher, a Bolívia por um índio e os EUA por um negro. Alguma coisa está fora da ordem, fora da nova ordem mundial? Tomara.


Rui Mendes / Divulgação


Marcelo Maragni / Red Bull Content Pool

__CUIDADO COM O CEREBELO | Restart: banda brasileira de teen pop. Luan Santana: cantor e compositor brasileiro de música sertaneja. Fiuk: cantor e ator brasileiro conhecido pela telenovela Malhação e banda Hori. Juntos? A Wikipedia não encontra respostas. Quem os define, lado a lado, é Lobão. "É uma aberração da natureza. É uma cicatriz que você tem no cerebelo. Você nunca mais vai se livrar dessa mazela". Desta vez, o lobo fisgou os coloridos, os sertanejos universitários e o… sabe-se lá o que é Fiuk. Mas também foi atingido por dejetos. Virou *trending topic* no twitter. Primeiro, veio a hashtag #calabocalobao. Logo depois, nasceu a #falalobao.

E a tal música, anda mesmo ruim? Quer dizer que ontem era boa? (Polegar, Menudos, Angélica, lembra dos *80's* do Lobão?) Ora travestida de sertanejo, ora de estrela pop, ora roqueira: música ruim tem pra todos os lados. Sempre. Então ele tem razão?

__NAVEGAR É PRECISO | Um barco chamado Tocorimé, construído na selva amazônica. Algumas das praias mais charmosas da costa brasileira: Florianópolis, Santos, Ilha Bela, Paraty, Búzios e Rio de Janeiro. Uma festa no pôr-do-sol comandada pela apresentadora Renata Simões, que leva para um passeio em alto-mar a fina flor da música contemporânea. Bem-vindo ao *Red Bull Music Armada*, que desde o comecinho de março tirou o som da terra firme. As atrações fixas são: céu azul pantone, mar translúcido e um verão que teima em ficar mais um pouco. As atrações convidadas são: Copacabana Club, Chorão, DJ Zeagon, Killer on the dancefloor, Tulipa Ruiz, Tiê, Plínio Profeta, Toomy Discos, DJ MAM, Marcelinho da Lua e grupo Melanina Carioca – ONG Nós do Morro.

Você pode acompanhar tudo aqui: *www.redbull.com.br*
Aqui: *www.noize.com.br*
E aqui: *@nilda*

NIXON



Blasting uniformity with substance and style. The Trooper.



nixonbrasil

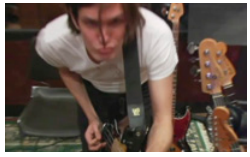
nixonnow.com

DIRETO AO PONTO

Strokes | Making Of Angles







_Cinco anos mais tarde e os "salvadores do rock" estão de volta. Diz o guitarrista Nick Valensi que o processo de gravação de *Angles* foi terrível. Justificativa pra falta de intensidade das novas músicas? Talvez. Ao que parece, Casablancas e cia tentaram dar um mergulho mas deram de cabeça na borda. Fato é que o álbum vem causando alvoroço. E os vídeos do making of que a banda soltou fazem milagre. São bem bacanas!

Tags: strokes making angles

#STROKES ANGLES

@rbkdelron Angles lo nuevo the strokes es puro amor :)

@dennislee I want the new Strokes album to grow on me because I've already pre-ordered it.

@aurenstella Ouvi o tal Angles dos Strokes. Gostei até. Senti um ar meio oitentista. Mas ainda não é tudo aquilo. To com cara de cu ao final do álbum :P

@alaaandrumond Ouvindo o Angles loucamente. The Strokes foda como sempre!

@gbeck419 I like The Strokes a lot. A whole lot. Listen to the new album before you buy

Radiohead | Lotus Flower



_Dá vontade de atribuir o clipe à Thom Yorke, e não à banda. O disco, *The King of Limbs*, tem sido bastante comparado ao que fez o vocalista em *The Eraser*, seu álbum solo. Em "Lotus Flower", ele brilha sozinho: dança ensandecido, impregnado de sua música e em pleno exorcismo.

Tags: radiohead lotus flower

#LOTUS FLOWER

@twidecode To viciada em "Lotus Flower" do Radiohead! Muito bom

@gustavofoster A DANÇA DA PUNHETINHA no clipe "novo" da Lady Gaga é mais memorável que a dança do Thom Yorke.

TIMELINE

A revista Aplauso publicou uma matéria sobre o rock gaúcho. A novidade? Raridades em mp3 que os caras reuniram nessa coletânea free. **http://bit.ly/ezk2Id**

Abbey Road, o laboratório sonoro dos Beatles, quer um músico ainda desconhecido para gravar seu hino de aniversário. Que tal? **http://bit.ly/g220ZK**

Gulliver teve a ambiciosa ideia de ilustrar toda Nova Iorque. Aqui. **http://bit.ly/ewmUBI**

Playlist especial criado por Roberta Martinelli, da Rádio Cultura Brasil. Carnavalize. **http://bit.ly/fnq8EO**

"É O FIM UM CARA QUE TEM O NÍVEL UNIVERSITÁRIO AINDA ESTAR COM UM GOSTO TÃO DEGENERESCENTE PRA OUVIR AQUELA BOSTA."

_**Lobão**, ao descer a lenha em Luan Santana, Fiuk e Restart durante entrevista recente



Divulgação

Vanguart | Depressa



_Em forma de minidocumentário, "Depressa" não revoluciona o que a banda fez em seu disco epônimo. Se dizem impregnados de temporalidade: a velocidade de Sampa, a efemeridade iminente e o tempo que este segundo álbum levou para nascer.

Tags: vanguart depressa entrevista

Foo Fighters | White Limo



_*Wasting Light* chega em abril, mas o clipe do melhor oitentismo metaleiro de "White Limo" e a ótima "Rope" dão o tom. Ou melhor: atestam o tal "peso" que Dave Grohl vem manifestando sobre o sétimo álbum do Foo Fighters.

Tags: foo fighters white limo

Libertines | The Libertines



_Polêmicos, mas adorados. Drogas, prisões, brigas, rock, Kate Moss.. É o universo que o fotógrafo Roger Sargent, do semanário NME, promete neste doc. E a estreia já tem data: 27 de abril, no *East End Film Festival,* em Londres.

Tags: the libertines roger

ÁUDIO

TV on the Radio | ***Will Do***
O TV on the Radio não brinca em serviço. Nine Types of Light chega às prateleiras em abril e tem um single mais animador que qualquer outro. Falsetos, sintetizadores, guitarras dissonantes.. é o recheio para um coração prometido à alguém que não dá a mínima.

Dorgas | ***Loxhanxha / Dito Antes***
Os cariocas que costuram post-rock com ambientações e sussurros chegam com um single de dois lados: groove basicão vs. sambinha psicodélico. Puro ensaio de sugestão.

Yelle | ***Safari Disco Club***
A saudade pode deixar os clubs: Yelle está de volta. O single dá nome ao disco, tem a essência electro dançante e o francês nativo. Não diz que o álbum pode ser maravilhoso, mas faz um convite para a pista de dança difícil de negar.

Marcelo Camelo | ***Ô ô***
Causa mais estranhamento no título do que na sonoridade. É o primeiro aperitivo do segundo disco solo de Camelo. Traz o Toque Dela (em clara referência a Mallu Magalhães) e algum eco do Little Joy de seu (ex?) parceiro Rodrigo Amarante.

The National | ***Think You Can Wait***
Matt Berninger e cia estão a caminho do Brasil. Na bagagem sua primeira track desde o elogiadíssimo High Violet. É música para cinema. Faz parte da trilha sonora de Win-Win. Calminha, melancólica... é o The National.

@REVISTANOIZE

Chromeo Drive Time é um GPS que guia o motorista ao som de 55 mini-tracks compostas pelo duo canadense. Para dirigir chacoalhando! ***http://bit.ly/fzns47***

O mundo está repleto de redes wi-fi. Você as vê? Sabe onde elas estão?
http://bit.ly/gSGvVP

Samplear é fácil? Um produtor criou um sensacional passo-a-passo da construção de "Smack My Bitch Up", do Prodigy.
http://bit.ly/fmS4t2

Playlist especial criado por Roberta Martinelli, da Rádio Cultura Brasil. Carnavalize.
http://bit.ly/fnq8EO

BANDAS QUE VOCÊ NÃO CONHECE MAS DEVERIA_

_POR LALAI E OLA PERSON

THINK ABOUT LIFE



Origem:
Canadá

Som:
O nome da banda é sugestivo. Eles vêm de Montreal, no Canadá, onde já vimos muita gente ir para repensar a vida. Existem desde 2005, fizeram turnê com o Wolf Parade, Art Brut e Franz Ferdinand. Think About Life é uma banda de indie rock, com guitarras rasgadas, falsetes e gritos. O som tem uma variação constante. O 2º álbum, *Family*, de 2009, é uma música boa atrás da outra. Ótima trilha sonora para reunir amigos, cerveja e festejar—pensar na vida, só depois.

Escute:
myspace.com/thinkaboutlife

WE ARE ENFANT TERRIBLE



Origem:
França

Som:
Descobrimos casualmente e aderimos. O som do trio francês é uma mistura boa de indie rock, electro, synthpop e batidas 8bit. Comparados com CSS, Ting Tings e The Kills, mas com letras falando sobre como os jovens veem o mundo atualmente, como mesclam moda e cultura. Em 2010 lançaram *Wild Fish*, álbum dançante, alegre e que cai bem com uma piña colada num dia quente de verão. Ouçam o single "Filthy Love", que dá dicas do que a banda segue para o segundo álbum. Irresistível!

Escute:
myspace.com/weareenfantterrible



Jason Williamson

JAMES BLAKE

Blake chegou aqui em casa como um furacão. Antes mesmo de entrar para as paradas britânicas e virar o queridinho da vez, a gente já se derretia e transformava o cover "Limit to your Love", da Feist, em nossa trilha sonora. O londrino acabou de lançar seu primeiro álbum, homônimo. Se tivesse chegado há 10 anos, pareceria um disco de outro planeta, com sua sonoridade altamente experimental. Mas o que poderia ser estranho se tornou pop, mesmo que de um jeito diferente do que conhecemos.

O que fascina é a capacidade de causar sensações distintas, conforme a situação em que é escutada: na primeira audição, são canções para serem sentidas; ao soltar o play em uma pista de dança, não há quem resista; com fones de ouvido, a sensação será outra.

As músicas são recheadas de batidas graves, sem muitas variações. Tocadas no último volume em um sistema de som poderoso, quase farão você se sentir em outra dimensão. Apesar de ter 22 anos, ele apresenta um trabalho consistente e maduro. Pudera: estudou música e toca piano desde os 6—tanto que suas produções começam no instrumento, para depois serem jogadas no computador, onde o músico as reconstrói, compasso por compasso, mudando os sons com novos arranjos de resultado impecável. Ao apertar o play em "Wilhelm Scream", o que se deseja é fechar os olhos e viajar.

Escute:
myspace.com/jamesblakeproduction

PARA VOCÊ QUE GASTOU RIOS DE DINHEIRO COM UMA PULSEIRINHA QUE NÃO FUNCIONA, ...LOST APRESENTA:

...LOST DYSBALANCE

tecnologic drunken system

A INCRÍVEL PULSEIRA DE BORRACHA!!!

CONFIRA O VÍDEO EM WWW.LOST.COM.BR/DYSBALANCE

O MINISTÉRIO ...LOST ADVERTE:
Este produto não lhe trará benefícios nem malefícios à sua integridade física e emocional.

-O uso combinado com bebidas alcoólicas podem ocasionar ou não as seguintes reações adversas:

-Boca seca
-Orelhas quentes
-Perda da noção de realidade
-Alterações áudio-sensoriais
-Tontura.
-Desequilíbrio
-Vômitos
-Embebedamento

BANDAS QUE VOCÊ NÃO CONHECE MAS DEVERIA_

_POR LALAI E OLA PERSON

KATY B



Origem:
Inglaterra

Som:
Canções sobre festas, subgrave no máximo, a vontade de dançar mesmo com as luzes do clube acesas e o dia raiando. Para simplificar, canções sobre noites que queremos lembrar eternamente. Katy B faz música exatamente sobre isso. Seu R&B a inspirou cantar misturando elementos funky e dubstep mais underground, o que lhe rendeu a merecida publicidade ao seu álbum de estreia lançado em 28 de março. Fique de olho e corra atrás do hit "Katy on a Mission".

Escute:
katyonamission.com

THE GREENCOATS



Origem:
Suécia

Som:
Se você gosta de My Bloody Valentine, tem grandes chances de se derreter pelos suecos The Greencoats, banda formada por dez integrantes. As músicas do álbum de estreia, *A Blend of Silk & Satin*, são psicodélicas com mistura de britpop dos anos 90 e rock inglês dos anos 60, a guitarra sempre reinando absoluta entre uma canção e outra. É musica pra ouvir no verão. Eles bem que poderiam cair numa Invasão Sueca em São Paulo.

Escute:
myspace.com/greencoats



Francesca Sara Calli

JOAN AS POLICE WOMAN

Não tem como não se fascinar e não ficar de quatro pela americana Joan Wasser, conhecida também como Joan as Police Woman. Assim como James Blake, ela começou a aprender piano aos 6 anos de idade, estudou música, mas acabou se firmando como violinista, cantora e compositora.

Sua carreira é ampla, mas seguindo um caminho discreto em relação às grandes divas. Já trabalhou ao lado de nomes consagrados, como Lou Reed, Elton John, Antony and the Johnsons, Rufus Wainwright, Dave Gahan, Sheryl Crow, The Scissor Sisters, Guilemots entre outros.

Ficou conhecida com seu primeiro álbum *Real Life*, lançado em 2006, primoroso e de uma melancolia sem fim. Dois anos depois lançou *To Survive*, com menos requinte do que o primeiro.

Em janeiro saiu seu terceiro álbum *The Deep Field*, que com certeza já encabeça minha lista dos prováveis melhores de 2011. Ele não sai do repeat. "The Magic", "Nervous" e "The Action Man" são as melhores, mas sem deixar as demais muito para trás. Joan passeia entre o pessimismo de quem está sempre questionando a vida e uma teimosa esperança. *The Deep Field* nos leva a uma viagem deliciosa que dura dez faixas. E nos faz constatar que Joan as Police Woman tem tudo para se firmar como a diva que de fato é. Indispensável.

Escute: *joanaspolicewoman.com*


Hurley
ONE&ONLY



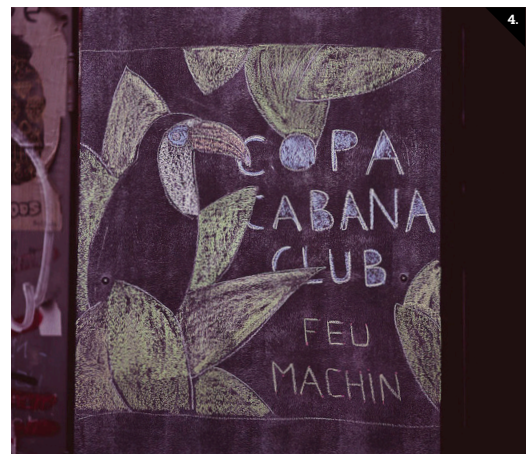
"Levanta a mão e tira o pé do chão. Esse é trio elétrico do copacabana club."



"Sem delícia, não tem música boa."



"Salve simpatia, a tábua de esmeralda vai voltar."



"Primeiro show do copa em NY. primeiro (e único) cartaz de giz."

3. *JORGE BENJOR, O BABULINA: UM DOS DEFINIDORES DE RUMO DA MÚSICA BRASILEIRA DESDE QUE LANÇOU SEU* SAMBA ESQUEMA NOVO *(1963) E CUNHOU O TAL SAMBA ROCK. A TÁBUA DE ESMERALDA, SEU DISCO MAIS EMBLEMÁTICO, VIROU CULT, GEROU MOBILIZAÇÃO ON E OFFLINE E SERÁ TOCADO NA ÍNTEGRA EM UM SHOW AGUARDADÍSSIMO. |* **4.** *EM MARÇO DE 2010, O COPACABANA CLUB PARTIU PARA OS EUA. EM NOVA YORK, DERAM UMA ACONTECIDA NO EFERVESCENTE BROOKLYN. EM AUSTIN, PARTICIPARAM DO SOUTH BY SOUTHWEST.*

COPACABANA CLUB



_Copacabana Club é uma banda de Curitiba, Paraná que mistura rock, música eletrônica, punk, bossa nova e otras cositas más. Cantam em inglês. E se divertem.



5.

"Sem medo da brasilidade."



6.

"Rita cadilaczando o brasil. E os copas."



7.

"Assisitimos The Invisibles em Austin. Eles (quase) invisíveis, a música não."



8.

"Uma pontinha de rock com um toque de eletrônico com uma pitadinha de carimbó."

***5.** LUIZ CALDAS, GRÃO MESTRE VARONIL DO AXÉ, MULTIINSTRUMENTISTA TALENTOSO, REFERÊNCIA DE VÁRIAS BOAS BANDAS DA NOVA SAFRA DA MÚSICA BRASILEIRA, COMO OS COPAS, O DO AMOR E O HOLGER. | **6.** RITA CADILAC: CANTORA, DANÇARINA GUERREIRA E ATRIZ PORNÔ. A UM SÓ TEMPO, MUSA DOS TRABALHADORES, DO CHACRINHA E DOS PRESIDIÁRIOS: MUSA DO BRASIL. | **7.** O THE INVISIBLES É UM TRIO LONDRINO FAMOSO POR TOCAR, COM PERÍCIA, ART-ROCK INTENSO E HIPNÓTICO, REPLETO DE INFLUÊNCIAS JAZZY. O FRONTMAN DAVE OKUMU TRABALHOU COM DIVERSOS MÚSICOS DA CENA JAZZ/FUSION LONDRINA.*

GO-GO-GO

_POR GAÍA PASSARELLI



Jimmy Limit

_Estava ouvindo Neil Young, mas não combina com o verão que termina. Melhor procurar o antagonismo perfeito. Na mata fechada que cerca a minha casa o céu ficou cinza-escuro, começou a trovejar. Pronto: dá pra ouvir witch-house.

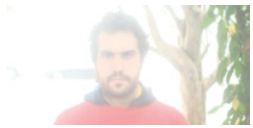
É, eu sei, o termo soa como aquelas coisas pretensiosas de jornalista musical metido a moderno. O som, juro, vai pela mesma linha, mas exibe uma característica crua e esquisitice tão descarada que não dá pra escutar sem notar que alguém deve estar levando tudo a sério demais. Desde 2009 gente como oOoOO e Salem vem ganhando páginas em sites/blogs/revistas especializados.

Mais recentemente bandas o Chapel Club e Esben & the Witch engrossaram o coro ao ao trazer o som goth-dark dos anos 80/90 de volta para o rock inglês. São três lados do mesmo movimento escuro e lento que faz oposição aos momentos grandiosos (Arcade Fire, Lady Gaga) e solares (Toro y Moi, of Montreal) que a música vive nesse começo de nova década.

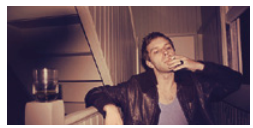
O trio Salem, espécie de pós-hip hop perverso e preguiçoso (procure "Yes, I Smoke Crack") é forte candidato a destaque nos festivais europeus esse ano. São de Chicago e, depois de capa da XLR8R no fim de 2010, ganharam direito a figurar entre os *headliners* do importante festival catalão *Sónar*, ao lado de gente como Underworld e M.I.A. É diferente do Esben & the Witch, banda em formato mais tradicional e aposta da BBC como "som de 2011" que bebe na mesma fonte de Siouxsie & the Banshees e Bauhaus circa 82.

Manipulação de *music libraries*, ruídos, sons roubados da natureza e uma estética sonora lo-fi formam a cara do DRAG, segundo nome da witch-house (acho mais factível) que pode ser descrito de forma simples por palavras como sinistro, lento e cru, pelo menos no sentido de mal feito, mal produzido. Vai pegar? A ver.

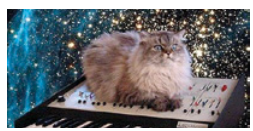
OUÇA_



BABE, TERROR *Brasileiro, paulistano, o compositor por trás do projeto Babe, Terror não se vê perto das bandas que eu citei e lembra de Guilherme Arantes ao falar de suas influências. Lançou single com remix do Four Tet pelo selo do Erol Alkan. Ouça e tire suas próprias conclusões: http://babeterror.tumbrl.com*



oOoOO *essencialmente eletrônico, o mais talentoso produtor dentre essa safra lançou um elogiado álbum em 2010 e segue trabalhando remixes e mixtapes. A url do myspace é impossível, procure por oOoOO no google.*



BITCH HOUSE *Versões desconstruídas e arrastadas de Madonna e Snoop Dog. O nome é perfeito. Procure em http://myspace.com/bitchyhouse*



BarraShoppingSul
Nível Guaíba
Tel.: (51) 3242.7960

CANÇÃO CONTADA

_POR PALOMA SÁ



Caroline Bittencourt

*Nesta edição, a musiqueira **Juliana Kehl** nos conta sua canção "Ele não sabe sambar", do primeiro CD. Ela cicatriza a poesia, finca a voz e eterniza som nos nossos ouvidos—sua música tem essa chancela pomposa apresentada. Com maestria, abre alas, do solfejo ao vozeirão, dancinha delicada, destemida, pontual, batuque-eletro, timbre, do Brasil para o mundo, abarrotada de influências distintíssimas, parcerias exatas, conhecimento curvilíneo. E necessariamente para se ouvir até sempre.*

Paloma Sá_Ao ouvir a canção, imagino uma história de amor típico carnavalesco, solto com confete e serpentina, teoricamente findo…

Juliana Kehl_ Foi assim: era abril de 2005 e eu acabava de reencontrar um grande amor da adolescência. Esse tipo de situação delicada que deveria permanecer numa caixa escura, naquela estante bem alta e empoeirada na qual se esquece os livros rejeitados—mas não raramente, aquele romance incrível perdido anos atrás.

Paloma Sá_ "Ele não sabe sambar" justifica o contexto do constante "sim" e "não" , seja de si ou do outro...

Juliana Kehl_ Essa canção fala sobre uma mulher dual. Mania de mulher querer ser considerada única e exclusiva. A letra continuava e vinha a contradição "eu quero me cobrir, de pedrarias, prata e pó, pra mostrar não sou a única… eu sou exatamente, como a mulher na esquina, a princesinha do bar, a menina de flerte". Eu gosto dessa ideia da mulher que passeia por essas personagens, múltipla.

Paloma Sá_ Cheia de subjetividades entre todas essas nuances, como a canção foi factualmente composta?

Juliana Kehl_ Psicologias à parte, meu romance com data de validade expirou. Voltei pra São Paulo com um porção de sons na cabeça. Quando comecei a produzir meu disco, o Dipa (Dipa e Gustavo Ruiz foram os produtores) tocou pra mim uma música composta por ele chamada "Marchinha". "Saí na avenida, só pra vê-lo dançar, descobri que ele pra mim, não sabia sambar". Achei graça dessa brincadeira com a decepção ao descobrir que o cara não sabia sambar… caiu como uma luva. Essa alegoria do samba, da avenida, se encaixava na minha canção. Foi um casamento perfeito, (esse sim).

"ELE NÃO SABE SAMBAR"

por Juliana Kehl

Saí na avenida
Só pra vê-lo dançar
Descobri que ele pra mim
Não sabia sambar
O que aconteceu
Com meu bem querer
Se já não me queres
Porque me fazer sofrer
Eu não quero me enfeitar
Eu não quero esse papel
Eu não quero me cobrir
De pedrarias, prata e pó
Pra provar: eu sou a única
Sou aquela que derrama o amor
Pelas paredes pelas janelas
Pelo chão
Eu sou a única
Eu não sou exatamente
Como a mulher na esquina
A princesinha do bar
A menina de flerte
Sorte que tens fantasia
Pois hoje é dia de carnaval
Sabes que eu sozinha
Não sei brincar de sorrir no final
Sim eu quero me enfeitar
Eu quero esse papel pra mim
Eu quero é me cobrir
De pedrarias, prata e pó
Pra mostrar: não sou a única
Mas ainda derramo o amor
Pelas paredes pelas janelas
Pelo chão
Eu não sou a única
Eu sou exatamente
Como a mulher na esquina
A princesinha do bar
A menina de flerte









Nesses últimos 4 anos, o **Café da Oca** foi sentindo a necessidade de mudanças para cada vez receber melhor seu publico abrangente. Tornou-se assim, um espaço de cultura, diariamente combinando o café nosso de cada dia com as mais diversas áreas artísticas. Eventos como exposições, shows, saraus literários, cinema e cerimoniais , passaram a fazer parte de nosso cardápio semanal.

Na cozinha, a **Oca** oferece uma opção de almoco executivo diferenciado, mais sugestões de saladas, sanduíches, doces e salgados. Além desse cardápio diurno, o happy hour, que já começa na tardinha seguindo até a meia noite, traz mais petiscos, pratos à la carte e uma variada carta de bebidas e drinks. Os vegetarianos não precisam se sentir esquecidos.

Visite a **Oca** e desfrute dessas delícias. Se gostar da experiência, faça da **Oca** sua segunda residência. Para eventos, solicite um orçamento pelo site.

Café da Oca

Onde todos se encontram

| Rua Gen. João Telles, 512 | BOM FIM | Porto Alegre/RS |
f: 51 3023 3538 | www.cafedaoca.com.br

Michelle Andrews



__ AMAZÔNIA LANÇA MOSTRA INTERNACIONAL DE VIDEODANÇA | A cidade de Manaus (AM) entra no circuito internacional do fomento à videodança. A capital amazonense vai receber, em 2011, as duas primeiras edições da Mostra Internacional de Videodança na Amazônia (Miva). A primeira edição ocorre em abril, entre os dias 13 e 16, no Instituto Cultural Brasil Estados Unidos (Icbeu). A programação, onde constam nomes como Thaïs Dahas, Gustavo Fataki e Rafael Rolim, visa estimular a troca de ideias e reflexões sobre os processos de mediações tecnológicas do corpo. A Miva é um dos eventos programados pela equipe Coletivo Difusão, do Circuito Fora do Eixo, com patrocínio da Funarte através do edital Microprojetos da Amazônia Legal. A segunda edição será patrocinada pela Petrobras. *www.mostradevideodanca.blogspot.com*

Divulgação



__ NOVO CD DO MAGLORE PRA BAIXAR DE GRAÇA NO COMPACTO.REC | Quem está disponível para download gratuito neste mês, no Compacto.REC, projeto de distribuição virtual de EPs e CDs, é o Maglore, com seu primeiro álbum cheio: "Veroz". Destaque do novo cenário baiano, o quarteto se considera um grupo de rock "tropical" que não nega inspirações ou deixa de acreditar nas qualidades da música pop. Com público em ascensão, a banda já marcou presença em festivais dos mais diversos portes e formatos, como Rock de Cordel, em Fortaleza (CE), Feira Noise, de Feira de Santana (BA), além dos soteropolitanos Big Bands e Festival de Verão de Salvador. "Veroz" apresenta uma musicalidade heterogênea, fruto do encontro de variadas referências e fiel à proposta de misturá-las numa só banda.
www.compactorec.foradoeixo.org.br

DIRETO AO PONTO

Diversidade é a palavra de ordem do Tendencies Rock Festival. O evento vai para sua 8ª edição, realizada em Palmas (TO), e já demonstra sua maturidade. Entre Marcelo Nova (Bahia) e Man Of Kin (Londres), o som vai se misturar com o brega de Wanderley Andrade (Pará) numa programação de mais de 30 bandas. O Tendencies ocorre nos dias 5, 6, 7, 13 e 14 de maio de 2011: *http://tendenciesrock.com.br/site/*

2011 chegou com ótima novidade: o circuito abriu escritório em Sampa! É a Casa Fora do Eixo (CafeSP) que, como não poderia deixar de ser, traz uma programação diferente pra capital paulista. Destaque para o "Cedo e Sentado", projeto gratuito às terças que os circuiteiros realizam no Studio SP e o projeto mensal Macaco Bong Convida, que acontece uma quinta-feira por mês: *http://casa.foradoeixo.org.br/*


Em
abril, o Circuito
Fora do Eixo comemora
5 anos. Aguarde novidades.
www.foradoeixo.org.br @foradoeixo #tudoaomesmotempoagora
FORA DO EIXO

TENHO MAIS DISCOS QUE AMIGOS

__OS 10 MELHORES DOS ANOS 90 PELA ROLLING STONE | Listas são listas, e a Rolling Stone fez mais uma delas. Dessa vez eles pediram aos visitantes do site da revista que escolhessem quais são os 10 melhores discos dos anos 90. O resultado saiu e *Nevermind,* do Nirvana, encabeça a lista—seguido por Radiohead (*OK Computer*) e Pearl Jam (*Ten*). O Smashing Pumpkins aparece com dois álbuns entre os dez, algo que nunca aconteceria em uma lista feita por críticos. Faltou alguém? Sim. Sobrou alguém? Sim. Listas são listas.
http://ow.ly/40dMr

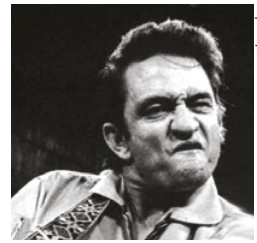


Reprodução

__O GRAMMY E OS DISCOS DE VINIL | Muitas tendências musicais podem ser tiradas do Grammy que passou. Uma delas é a comprovação de que o vinil está de volta, e pra valer. Os principais vencedores da premiação lançaram seus discos no formato, como Eminem, que teve seu *Recovery* em LP duplo, e *The Suburbs,* do Arcade Fire, que também ganhou 2 bolachas via *Merge Records*. Lady Gaga com *The Fame Monster* em Picture Disc e *The Resistance*, do Muse, em uma caixa lindíssima com LP, DVD e pen drive só atestam que, além de proporcionar uma experiência musical muito mais completa, o formato voltou a ser comercialmente viável e marca presença desde os discos de 7 polegadas de selos independentes até os figurões do mainstream. Viva!


Sxc.hu

__MATANZA | "Se eu tivesse só um disco, já teria mais discos que amigos". Com essa frase, Jimmy London (vocalista do Matanza) encerrou a entrevista que fizemos com ele, onde o cara falou sobre o novo trabalho da banda (prestes a ser lançado) shows ao redor do país, o atual estado do rock e muito mais. Jimmy é sempre incisivo e sincero, então não faltaram declarações interessantes na nossa conversa. *http://ow.ly/40KDa*


Reprodução

__JOHNNY CASH | Johnny Cash é um dos músicos mais importantes da história—não só do country, mas da música mundial. E também é um dos mais rentáveis para sua gravadora, principalmente depois que morreu, em 2003. Em fevereiro, duas coletâneas contendo raridades do cantor foram lançadas em CDs duplos. Feitas de versões demo e apresentações de Cash em rádios ao redor do país, *Bootleg Volume 1 & 2* podem ser um presentão para os fãs do homem de preto (ou dois baita caça-níqueis para sua gravadora). Apostem suas fichas (ooops)!
http://ow.ly/40KM6


studio61.com.br
SABE AQUELA GUITARRA DOS SEUS SONHOS? CLIQUE
AINDA BEM QUE NA VERSÃO ON-LINE DA NOIZE VOCÊ PODE CLICAR. DESCUBRA AGORA QUE COMPRAR INSTRUMENTOS NA INTERNET É MUITO MAIS RÁPIDO, FÁCIL E SEGURO.
WWW.PLAYTECH.COM.BR
PlayTech
SÃO PAULO: SANTA IFIGÊNIA - TEODORO SAMPAIO - JABAQUARA - MORUMBI • INTERIOR: CAMPINAS - RIBEIRÃO PRETO • TWITTER: @PLAYTECHBRASIL

ARQUEÓLOGO ARAÚJO VIANNA

PUBLIEDITORIAL



Arquivo Pessoal



Arquivo Pessoal

__VIDEO HITS AO VIVO | Em busca de memórias, o Arqueólogo do Araújo entrou em contato com Diego Medina, fundador da banda gaúcha Video Hits. "Não tenho muita coisa para contar", declarou. "Fui a poucos shows e só toquei lá quando a Video Hits abriu para o Pato Fu."
O Arqueólogo do Araújo insistiu: nem uma foto? "Não tenho", respondeu, para em seguida acrescentar: "Só um CD-R com o áudio do show gravado". Eis, então, a pergunta: "E você acha isso pouco, Diego?".
Portanto, os fãs da finada banda acabam de ter acesso a uma relíquia: o áudio de um show da Video Hits, que rolou em 2001. São nove músicas e não há mixagem. "Foi a gravação da mesa. A voz está alta feito o inferno, o teclado às vezes surge afú, e por aí vai", explica Diego, que na foto, aparece em autorretrato ao lado de Edu Bisogno (tecladista), no camarim daquela noite.
Para ouvir, acesse *http://araujovianna.com.br/beta/?post=1022*

__A LOUCA DA RÁDIO | Foi no auditório que a carreira da radialista Dani Hilzendeger, de fato, começou. "Em 2002, entrei no rádio sem experiência. Me largaram na unidade móvel e veio o primeiro desafio: Gilberto Gil no Araújo Vianna. No aeroporto, furei a barreira e consegui uma palavrinha." Mais tarde, Dani foi para o auditório e sua missão era falar com o músico novamente, mas as coisas não ocorreram como ela imaginava.
Sua grande chance rolou logo depois, no mesmo lugar e com Erasmo Carlos. "Consegui entrar com ele ao vivo no horário nobre. No fim, ainda no ar, o chamei para jantar." Tudo de brincadeira, mas era o que faltava para a carreira decolar. A partir daí, Dani virou a "maluca da rádio", uma espécie de personagem que deu supercerto.
A radialista ainda cobriu muitos shows no Araújo. Entre eles, Macy Gray e Eagle Eye Cherry (foto).
Conheça mais histórias da Dani em
http://araujovianna.com.br/beta/?post=1032

OUTRAS HISTÓRIAS

ARAÚJO VIANNA. COM.BR

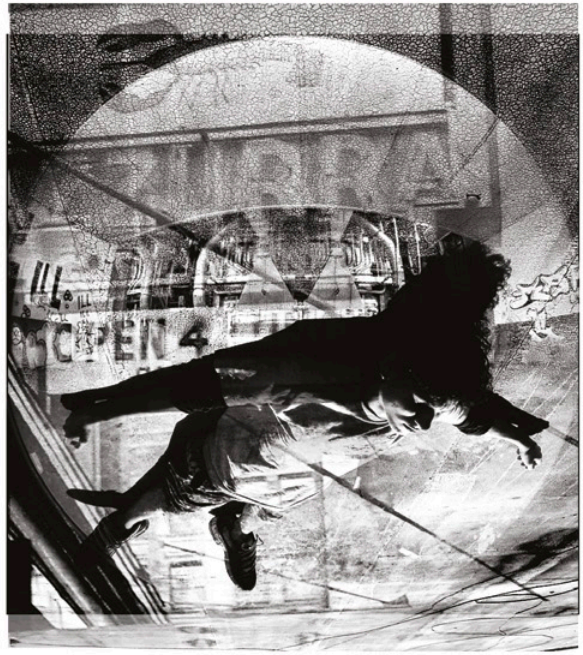
Frank Jorge teve seu destino selado no Araújo. Na plateia dos Cascavelletes, Dani Espíndola sentiu que casaria com ele. Ela conta em
http://bit.ly/araujofrank

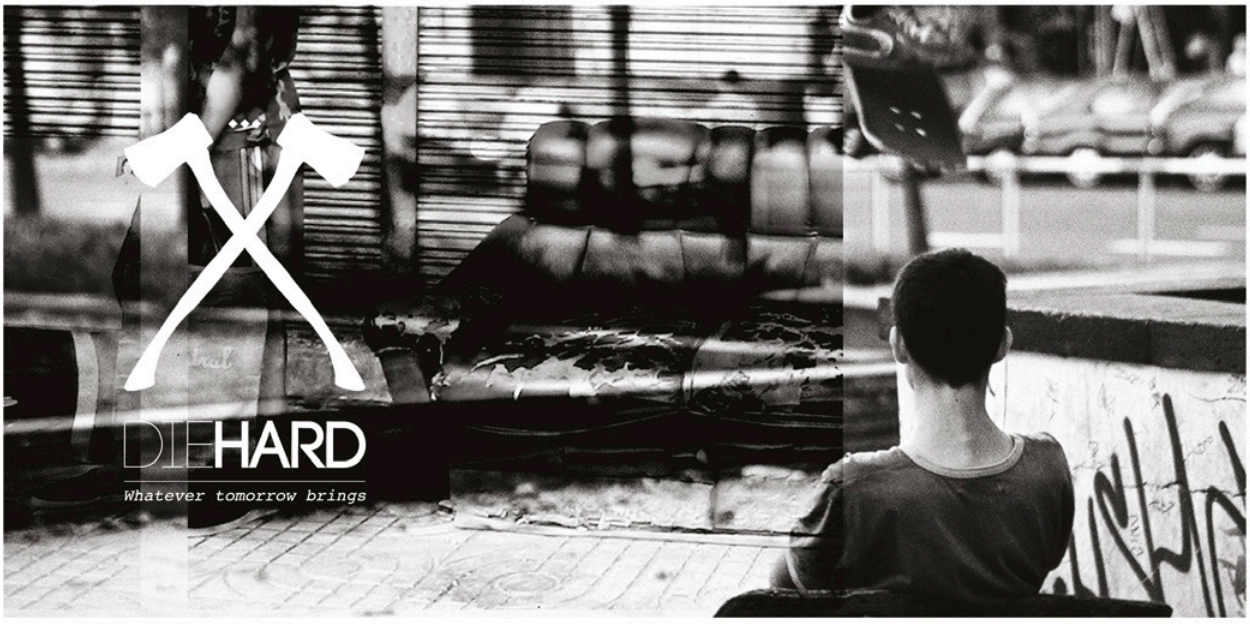
Em início de carreira, os Engenheiros do Hawaii recebem Nei Lisboa no palco e tocam Carecas da Jamaica. Veja foto de Eurico Salis em
http://bit.ly/araujoenghaw

O fotógrafo Raul Krebs conta como descobriu que Porto Alegre tinha punk. Foi nos anos 80, no show dos Replicantes. Veja o vídeo em
http://bit.ly/araujoreplicantes













From Vulgo Brothers A Store Communications Company





Wilson das Neves

O Homem do Samba Quente

Cabeça lisa, bigode branco, chapéu da Velha Guarda do Império Serrano. Nas mãos, o tamborim inseparável; na voz macia, o bordão que o marcou: "Ô sorte". Um hipster desavisado poderia achar que esse senhor de 74 anos não tem nada a ver com a música pop que se faz hoje no Brasil. Mas o baterista Wilson das Neves é também parceiro de Marcelo D2, tocou com Sean Lennon e é um dos pilares da Orquestra Imperial, ao lado de Rodrigo Amarante e Pedro Sá.

_TEXTO MARCOS FAMA
_FOTOS FERNANDO SCHLAEPFER

Nada de extraordinário para quem, ao longo de 57 anos de carreira, foi (e ainda é) o baterista preferido de alguns dos maiores nomes da música brasileira. De Cartola a Chico Buarque, de Jacob do Bandolim a Wilson Simonal, Das Neves tocou com deus e o mundo. Marcou o ritmo de discos fundamentais como *Elza Soares – Baterista:Wilson das Neves* (1968) e *África Brasil* (1976), de Jorge Benjor. Suas baquetas ajudaram a temperar a mistura do samba com o rock, o jazz e o soul—desde o tempo dos bailes na Praça Tiradentes, no Centro do Rio, até o nascimento da bossa nova, do sambalanço e do suingue. "Ô sorte!"

Todo mundo samba, até sem querer

Tudo o que se faz no Brasil é samba. Cada um faz o seu. O ritmo é o mesmo, tocado por instrumentos diferentes. Se você olhar, no Olodum tem samba. Tem bossa nova. Se você prestar atenção, a batida do Olodum é a da bossa nova, só que com tambores. Pra mim, tudo no Brasil é samba. Cada um faz o seu samba. Porque não existe um baterista no Brasil que toque samba igual a outro. Eu, por exemplo, com 57 anos de profissão, nunca vi ninguém tocar igual a ninguém. Cada um tem o seu *feeling*, o seu suingue, a sua pronúncia. Porque qualquer instrumento você toca como fala. Um trompetista que é um cara calmo, que fala manso, também toca manso. Outro, que fala muito, toca com mais notas.

O ritmo vem da pronúncia brasileira

Porque é aquele negócio: o americano jamais vai tocar samba igual a um baterista brasileiro. E o baterista brasileiro jamais vai tocar a música deles do mesmo jeito. Toca parecido. Porque o americano não inventou a bateria para tocar samba, foi para tocar a música deles. O resto do mundo é que se adaptou, cada um com seu ritmo. A bateria tem tudo o que é preciso para o samba: o chocalho, o surdo, o pandeiro, o tamborim, o agogô, o ganzá; com isso tudo o baterista procura resumir o samba. Mas se for falar de influência, tudo é samba. Eles tocam a música americana pensando em dois, que é o ritmo brasileiro, e não em quatro, que é o ritmo americano. A acentuação do ritmo brasileiro é ao contrário. Para eles, o tempo forte é o primeiro. Você faz UM, dois, três, quatro, UM, dois, três, quatro. O samba é ao contrário, é um, DOIS, um, DOIS.

O tempo forte do samba é o contrário do deles. Teve um maestro americano fabuloso, Les Baxter, que veio aqui e me chamaram para gravar com ele. Quando começamos a tocar, ele mandou o intérprete me perguntar por que a minha acentuação era no tempo fraco. Eu respondi: não sei, não posso explicar, quando eu nasci já era assim. É a acentuação do samba. Na escola de samba você vê isso muito bem, o segundo tempo é que é o forte. Então, isso assusta. O americano quando vem aqui sambar faz tudo ao contrário. Ele acentua o primeiro tempo. Você tem que nascer ali para ter aquela pulsação, aprender a pronunciar daquela maneira. Isso você não aprende na escola, isso nasce com você. Depois você aprimora, como qualquer arte. Alguns desistem no meio do caminho, outros tocam maravilhosamente.

Ser humano é ter seu próprio estilo

É difícil você explicar a sua pronúncia. Alguém fala igual a alguém? Então, ninguém toca, ninguém faz nada igual a ninguém. Meu pai dizia: se não fosse necessário, não tinha tanta gente. Cada um é diferente. Você gosta de coisas que eu não gosto e vice-versa. Por isso não estamos ligados em tomada. Por enquanto.

De onde nasce o samba

Uma vez perguntaram a Louis Armstrong o que era o jazz. Ele respondeu: se você não sabe, você nunca vai saber. É sentimento. É difícil de traduzir, como é que eu vou dizer o que eu sinto? Você traduz palavras, mas as ideias não. Samba é tudo o que você sente quando ouve um ritmo brasileiro.

Uma questão de observar o bem e o mal

Só não aprende quem não observa. Estamos aqui pra aprender. Meu compadre Marçal[+1] dizia: "eu nasci sem saber nada e vou morrer sem aprender tudo, porque não dá tempo". Você aprende todo dia, é só observar. Aprende até como não ser. Se você vê alguém fazendo uma coisa deprimente, e diz "eu não posso fazer isso", já aprendeu. Aprende a se respeitar e respeitar os outros. Eu chamo todo mundo de "senhor", até meus filhos. Eu sou senhor dele porque ele é meu senhor. Você tem que entender a pessoa como ela é, não como você quer que ela seja, porque ninguém é como o outro quer.

Aprender, ensinar, viver todo dia

Alguma coisa eu passei como todos eles vão passar também. Observe, preste atenção, porque cada um é diferente. Então, você passa para uns, não passa pra outros, mas no fundo vai passando e eles também vão passando, porque eu também peguei de alguém que passou. É uma coisa natural. Não vou dizer que alguém é seguidor meu, porque eu também estou seguindo alguém. Eu aprendi e vou evoluir. Se me dizem que eu sou uma referência, ótimo. Mas faça com que você também seja uma referência; não pode deixar morrer. Nós somos referência sempre. Beethoven morreu há quinhentos anos e todo mundo fala no cara hoje. Mas ele aprendeu com quem? Não foi sozinho. Alguém falou, alguém mostrou. Às vezes, um aprende com o outro sem nem saber, ouvindo. Meu professor me dizia: veja todos. Eu sou um resumo de tudo o que eu ouvi.

Até aí, tocou o Neves

Elza Soares, Clara Nunes, Cyro Monteiro, Ataulfo Alves, Cartola, Chico Buarque, Jacob do Bandolim, Nelson Cavaquinho, Beth Carvalho, Alcione, João Nogueira, Zeca Pagodinho, Doris Monteiro, Tom Jobim, Vinícius de Morais, Djavan, Wilson Simonal, Elis Regina… Foram mais de 700 solistas, somando cantores, instrumentistas, orquestras, nacionais, estrangeiros. Cada um é uma história. Cada um tem o seu estilo e você tem que adaptar a sua maneira de tocar. Não pode chegar lá e dizer: eu toco assim e pronto. Se for assim, só vai tocar quando for do jeito dele. Agora, um músico que se propõe a ser profissional e gravar com todo mundo, como eu…

[+1] Armando Marçal, morto em 1947, pai do percussionista Mestre Marçal e autor do clássico "Agora é cinzas".

"Samba é o idioma do brasileiro, o que nos representa. É o nosso primeiro ritmo, porque os índios que estavam aqui já faziam samba. Depois, juntou com os crioulos e foi aí que embolou pé com cabeça. Os índios já tinham seus tambores. Quando vieram os africanos, virou samba. Aliás, é "semba". O angolano tem o semba. Samba é uma religião. Os africanos inventaram a escola de samba como uma maneira de louvar os orixás. As festas com tambores pareciam que eram para distrair, mas era para louvar os orixás. E as escolas de samba saíram daí. Foi de onde vieram a bateria, as baianas, os fundamentos. Samba era religião, e para muita gente ainda é."

Músico tem que brilhar

Eu trabalhei com muitos artistas, mas só encontrei três que me trataram da maneira como um músico deve ser tratado, na minha opinião: Elizeth Cardoso, Ney Matogrosso e Chico Buarque de Hollanda[+2]. Os outros que me desculpem, mas estou falando a verdade. Tem artista que nem viaja junto com o músico, mas esses três me trataram como gente. Eles dividiam o palco com os outros músicos, porque ninguém sobe no palco sozinho. Se for subir para cantar 12 músicas sozinho, tem que ter saco para aturar. Então, eles dependem dos músicos. Não é questão de dividir o dinheiro, mas dividir o palco. Você está lá atrás acompanhando, mas é parte importante. Sem a música não tem voz. Só se fosse a Yma Sumac.

Pra gente fazer mais um samba

Agora mesmo, semana passada, fiz uma música com Nelson Sargento. Ainda não sei de cor. Nem o nome eu lembro. Eu só memorizo a letra depois de gravar o disco. Ontem estive com ele e agradeci pessoalmente. Disse que não gostei da letra: amei. Imagina, uma honra ser parceiro de Nelson Sargento. Agora mesmo levei três músicas para o Paulo César Pinheiro, que é meu parceiro mais constante. Vamos gravar o novo disco do conjunto Os Ipanemas[+3]—é o quinto, para sair na Inglaterra. Só lançam lá, não sei por que não sai aqui. E continuo tocando com a Orquestra Imperial. Se eu for falar dos meus parceiros, não acabo. É só vir alguém e perguntar: "das Neves, tem música pra mim?".

Nos bailes, o primeiro professor

Tinha uma jazz band que tocava nas festas ali na Praça Tiradentes[+4]. A minha tia fazia festa nesse salão e eu ficava ali. A bateria já me fascinava, era daquelas que tinham luzes. Era na década de 40. Tinha um baterista chamado Suruba, e eu ficava ali vendo ele tocar. De vez em quando meu dedinho ia lá no tambor e ele dizia: "Menino, não mexa no meu ganha-pão". E ele tinha razão, porque eu não tinha nada que meter a mão ali. Então, eu fui crescendo. Ali a banda tocava as mesmas músicas que nos salões da elite, mas chamavam de gafieira porque era lugar de crioulo e pobre. la muito branco. Mas gafieira era uma coisa pejorativa, no fundo, colocando o pobre no seu lugar: "Tem lá a gafieira pra ele se distrair". Mas era música normal, porque baile é parada de sucessos. Então tem música daqui, dali, de todo lugar. Você tem que tocar o que está na moda, o que as pessoas querem dançar. Fui crescendo, minha tia se mudou para Vila Isabel e continuou fazendo as festas, mas o conjunto já era outro. Era do Edgard Nunes Rocca, o Bituca, um grande baterista. Ele era meu ídolo, e foi ele quem me inventou baterista. Eu continuava ficando ali do lado, já

[+2] A parceria com Chico é "Grande Hotel" (1996). Para o próximo disco, das Neves aguarda duas novas letras do compositor.

[+3] Wilson das Neves é o único remanescente da formação original do grupo, que criou em 1964 com Neco (violão) e Marinho (baixo). Desde 2001 o grupo, agora com o baixista Ivan Conti, é comparado ao Buena ista Social Club cubano.

[+4] Praça no Centro do Rio, na época um pólo de entretenimento, marcada pelos teatros e casas noturnas, como a Gafieira Estudantina.



com 16, 17 anos, aí eu dizia pra mim mesmo: eu sei fazer isso, eu só não sei como. Eu tinha a ideia do ritmo, mas eu não sabia como. Nunca tinha estudado. Isso era 1952, 53. Se hoje a informação já é pouca, imagina naquela época. Não tinha escola. Aí eu comecei a acompanhar o Bituca nos bailes. Eu ia arrumado, de terno e gravata, mas não tinha dinheiro pra entrada. Então eu esperava na porta, ajudava a carregar o instrumento, arrumava, e quando a orquestra começava a tocar eu ia dançar. Quando acabava o baile eu ia lá de novo, ajudava a desmontar o instrumento, levar para fora. Um dia ele me

"Toquei, por exemplo, com o Sean Lennon, gravamos uma música aqui. Ele veio tocar uma bossa nova e me chamou. Ele tocou a bossa nova do jeito que sabia, na guitarra, e eu acompanhei. Depois disse pra ele: não toquei com o John Lennon, mas toquei com o genérico."

perguntou: você não gosta de bateria? E ele me levou para uma escola, no Méier. Isso já era em 54, eu estava servindo ao Exército. Eu saía do quartel, ia para a minha lição de bateria às segundas, quartas e sextas e depois para casa. Depois ia no baile com ele mas já não ficava dançando. Sentava do lado dele e ficava olhando. Ele me ensinava, mostrava a partitura. E foi assim, até que um dia ele saiu dessa orquestra e eu fiquei tocando. Não parei mais até hoje. Esse é o resumo da minha história.





PARA SABER MAIS DA REVISTA SIGA O

TWITTER

NOIZE

TWITTER.COM/REVISTANOIZE


www.edutattoo.com.br

_TEXTO
FERNANDO CORREA

_FOTOS
ARIEL MARTINI

AMADO JENECI

Ele fez as pazes entre o Brasil e a canção, mas acabou nu.

O paulista Marcelo Jeneci está prestes a completar 29 anos. Como ele mesmo diz, é um "amigo do tempo": sua idade é o quanto levou para que a música que lhe embalou a juventude – a popular, que fala direto ao coração – voltasse a frequentar o círculo dito de elite da música brasileira. E foi pelos versos de Feito pra acabar [+1]*, estreia de Jeneci e um dos discos mais elogiados de 2010, que isso aconteceu. "Sinto muita saudade de coisas que eu nem sei o que são, e é daí que eu faço música."*

Acompanhado de seu acordeon, uma banda de ases e Laura Lavieri, jovem vocalista de voz doce, ele soa como a saudade desse desconhecido, que às vezes é um sertão imaginário, noutras é o nascimento de um amor, tudo derramado por um coração grande, meloso. Mistura referências na busca pela "linha que une, não a linha que separa". *Feito pra acabar,* seu primeiro disco, é uma dupla estreia: inaugura também, no meio dito independente, esta estética de alcance realmente popular. "Sempre achei que *Feito pra acabar* pudesse tocar na casa de muitas famílias brasileiras", contou. Distribuído pelo Som Livre Apresenta (SLAP), o disco dispõe de condições favoráveis para chegar ao público como chegam as trilhas de novela e os trabalhos de artistas mais ligados às massas.

Os shows de lançamento pelo país, ovacionados em pé por plateias heterogêneas, atestam: há sede por artistas como Jeneci, com algo de popular e algo de sofisticado – ou muito dos dois. Senhoras e senhores, vez ou outra, choram ao ouvir as letras singelas, até ingênuas, do disco. Mas o calor com que blogueiros, jovens ouvintes de música independente e a própria crítica receberam o trabalho talvez se explique apenas por um talento anterior ao de músico: Jeneci tem carisma e personalidade para conciliar referências, opiniões e pessoas. Nasceu para ser amado.

"Sou um cara comum, sem dúvida nenhuma, um facilitador", define-se. Seu trabalho "une a música popular que toca no radinho de pilha com a música que faz o cimento da classe média". Acaba por cativar artistas dessas duas frentes, e desde o início de sua jovem carreira estabeleceu parcerias proveitosas para

[+1] *Jeneci - Feito pra acabar..*







ele e seus comparsas. É amado pela crítica, amado pelo público: amado porque faz as pazes entre os dois.

Foi justamente com uma canção chamada "Amado" que o trabalho do Jeneci compositor ganhou reconhecimento instantâneo. Esta primeira criação pegou carona na voz de Vanessa da Matta, na autoestrada transnacional que é a trilha de uma novela das oito. "Imediatamente algumas pessoas começaram a querer fazer música comigo e as coisas foram acontecendo. Zélia Duncan gravou música, mandei música pra Simone. Tudo acontecendo em função de 'Ó, tem um cara que compõe bem, qual é mesmo o nome dele?'" Jeneci.

Mas nem sempre foi assim. Ele descobriu a verve cancioneira em meio a turnês nacionais e internacionais como instrumentista contratado, primeiro da banda do paraibano Chico César, e logo, junto a outros artistas que o levavam para longe de casa, na busca de um sonho então embrionário. "Cada canção que eu faço é uma maneira de poder voltar pro meu lugar", explica, sem deixar claro se este lugar é seu interior, o imaginário popular de que se alimenta sua criação ou a Cohab de Guaianases. No bairro da Zona Leste paulistana, um jovem Marcelo cresceu numa casa religiosa e musical, em meio a sanfonas que o pai eletrificava. Desde cedo tocava muito bem o piano.

A sanfona, gaita ou acordeon ele aprendeu primeiro a escutar, sempre que algum tocador gabaritado chegava à oficina do pai para retirar seu instrumento. O ouvido afiado e atento veio a calhar quando soube que Chico César precisava de um gaiteiro. Jeneci aprendeu, então, a se virar nas infinitas teclas de um fole emprestado de Dominguinhos, um dos célebres entusiastas da captação que seu pai instalava. Assim, no susto, saiu de casa aos 17 anos, para conhecer o mundo, para sentir a saudade que alimenta sua música, e para vivê-la de uma maneira ainda mais fundamental.

Aos poucos, ganhar a vida tocando deixava de ter o mesmo significado que tinha em 2001. Jeneci acordou para um mundo até então inexplorado. Ao som de Ventura, disco do Los Hermanos, teve seu despertar autoral. "Foi como se me revelasse uma visão, tipo 'caramba, tô começando a entender o que é pra eu fazer", contou. "Comecei a compor música com letra sem parar. Tinha comprado um violão e uma guitarra, uns instrumentos que eu não sabia tocar, e até hoje tento não aprender. Ter migrado pro desconhecido foi uma das coisas que ajudou a abrir essa tampa pra que as canções pudessem vir sem passar pelo ego." Era 2007.

Não levou muito tempo depois de empenhar-se como compositor, e principalment e após o lançamento de "Amado", para emplacar outra parceria importante, com Arnaldo Antunes. "Quarto de Dormir", a primeira composição da dupla, é um retrato do que "se ouvia lá em Guaianases", a música que Erasmo e Roberto deixaram de fazer para que, no futuro, um rapaz simpático da periferia pudesse exorcizar suas angústias. No álbum, ganhou o peso do arranjo de cordas de Arthur Verocai, merecida legitimação do homem que arranjou um dos discos preferidos de Jeneci, *Carlos, Erasmo*[+2], lançado pelo Tremendão em 1971.

Em 2010, Arnaldo voltou a endossar o trabalho do parceiro gravando duas composições com a assinatura Jeneci-Antunes em Iê Iê Iê: "Longe" e "Envelhecer". A primeira, junto a "Quarto de Dormir", está em *Feito pra acabar*, mas com a doçura de Laura Lavieri substituindo a voz grave do ex-Titãs. "Eu e Arnaldo funcionamos muito bem nesse esquema ['vamos sair e tomar uma cerveja'], e a gente faz muitas músicas, a cada encontro a gente faz umas duas." A presença deste nos créditos é também um selo de aprovação, dos muitos que o trabalho de Marcelo tem recebido.

As colaborações não cabem em um parágrafo: gravou com Tulipa Ruiz, participa nos discos de boa parte dos compositores paulistanos de sua geração, tocou por algum tempo com o Cidadão Instigado e debutou *Feito pra acabar* no Rio de Janeiro e em São Paulo ao lado de ninguém menos que seu xará e mentor Marcelo Camelo. A amizade que vem nascendo entre os dois não é gratuita. Jeneci participa do segundo trabalho solo do hermano – a ser lançado logo – tocando sanfona, piano e teclados.

O cara para quem ele hoje liga quando bate a saudade é um precursor dele próprio – e o Los Hermanos são os "primeiros amados", por terem

[+2] *Erasmo Carlos - Carlos, Erasmo*



"Disposto a desnudar-se enquanto a maioria se mascara, Jeneci acredita que "quando uma coisa muito sincera vem de dentro pra fora, de fora pra dentro o efeito é o mesmo"

pavimentado a estrada pela qual os jovens cancioneiros indie podem tatuar seus corações. "Daqui a um certo tempo a gente vai entender ainda mais a quantidade de gente de uma geração que foi tocada por eles e de alguma forma modificada, incentivada a se ligar nas coisas mais belas, mais simples, mais leves, mais despretensiosas", conta, ciente de que ele trilha o caminho asfaltado pelos cariocas.

Sem medo, Jeneci empurra as inibições, o ego, os preconceitos e a insegurança para longe. Tem o amparo consagrado de Verocai e a tutela de Kassin, um dos grandes desinibidores da música pop brasileira, que trabalhou nos dois discos mais "canção" dos Hermanos[+3] e produziu Feito pra acabar. Graças a esses dois encontros, o *début* pôde ser gravado com orquestra de 16 cordas, 4 metais e madeiras, todos mais a banda, captados ao mesmo tempo. Verocai arranjou as cinco músicas que levavam orquestração em poucos dias, Kassin sugeriu o estúdio Comep, que suportava todo mundo, e as 13 canções foram registradas em fita analógica de 2 polegadas – trabalho digno do Rei Roberto.

Desde 2008, quando resolveu "fechar as portas" para os pedidos de música que vinham de intérpretes e músicos de todo o canto e dedicar seu tempo a um disco seu, Jeneci firmou meia dúzia de parcerias significativas. Com José Miguel Wisnick {Autor de O Som e o Sentido, entre outros} e Paulo Neves compôs a faixa-título "Feito pra acabar". Com o compositor, entusiasta e tensionador da canção Luiz Tatit, a balada "Por que nós?", sobre uma geração que pode ser a de Jeneci como pode ser a de Tatit. Na letra, "músicos práticos só de canção" afirmam a nobreza de seu propósito. São operários da música, como o compositor de Guaianases se define.

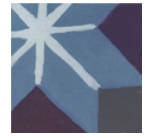
Jeneci canta porque bebe "dessa beleza mais sincera da vida". Há efeitos colaterais: ele sabe que essa beleza em estado puro é percebida por poucos, e há quem o taxe de cafona, brega, romântico demais. Mesmo em situações mais amigáveis, expor-se assim não é fácil. "Já me senti muito constrangido. Recentemente fui fazer um pocket show numa loja, um show intimista, e eu disse exatamente isso: 'Quando a gente faz um trabalho autoral ligado à vontade de botar pra fora alguma coisa que você tá sentindo, você acaba revelando, pra uma pessoa que você não conhece, mais ou menos o que você é'. Aí eu disse que às vezes eu me sinto nu pra algumas pessoas, ali cantando e contando essas coisas como eu conto pros meus amigos".

Disposto a desnudar-se enquanto a maioria se mascara, Jeneci acredita que "quando uma coisa muito sincera vem de dentro pra fora, de fora pra dentro o efeito é o mesmo". Não recorre ao caminho alternativo padrão, sua música é popular, pop em português, a canção brasileira que todo mundo entende (ou deveria). Jeneci não está salvo nem condenado; é um cara comum, que só colhe o que planta, rega e cuida. Os frutos não tardam: "Por isso eu estou aqui falando com você", disse, sem bajulação.

[+3] *Los Hermanos - Ventura.*



[+3] *Los Hermanos - Quatro*



_TEXTO
MARIA JOANA RUELLAR

VAMPIRE WEEKEND

Dizem que tentar agradar a todos é a receita do fracasso. No caso da banda nova-iorquina Vampire Weekend, tentar agradar ao próprio coração eclético é o segredo do sucesso.

Qual das duas sentenças é mais improvável: ser tão íntimo do punk de The Clash quanto da música clássica ocidental, ou ser um membro da elite universitária de New York que se apropria de elementos da canção do terceiro mundo? Em caso de dúvida, fique com tudo. É o que atesta Vampire Weekend que de longe, parece ser mais uma banda indie do Brooklyn, mas de perto, é cheia de surpresas que teoricamente não deveriam fazer sentido—mas fazem. Para eles, muito é pouco—o que faz com que, vez por outra, até soem contidos para evitar o exagero. De tanto serem chamados de contraditórios, batizaram o segundo álbum de *Contra*. E a música que o encerra, "I think you're a Contra" atesta: "Nunca escolha lados, nunca decida entre duas coisas".

Seguindo essa máxima antes mesmo de verbalizá-la, conectaram-se com um infinito de possibilidades ao mesmo tempo em que não buscavam conexão com nada além do público. O primeiro álbum, *Vampire Weekend* (2008), foi fruto da gana de tocar em festas da faculdade para os amigos e da rendição aos quatro instrumentos tradicionais do rock: guitarra, baixo, bateria e teclado, inicialmente considerados entediantes pelo quarteto. Graças ao sucesso do *début*, Contra ganhou estreia recordista: duas semanas no topo da Billboard. Sua turnê passou pelo Brasil no início deste ano, onde causaram surpresa ao se declararem influenciados por artistas tupiniquins obscuros como Paulo Bagunça e a Tropa Maluca e até Ronnie Von[+1]. Enquanto deixavam sua marca na afortunada temporada de shows por aqui, conversamos com Chris Tomson, responsável pela bateria dançante característica do grupo.

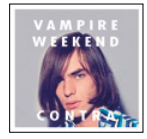
O que acharam do primeiro show em terras brasileiras[+2]?

Achamos ótimo, não nos apresentávamos ao vivo desde meados de dezembro, então ficamos um pouco nervosos. Mas assim que vimos a plateia tão animada no show do Two Door Cinema Club nos tranquilizamos. Foi muito bom.

Vocês realmente soam como nos álbuns ao vivo…

É natural. Algumas bandas se preocupam em não soar como nos álbuns ao vivo, não sei se isso vai acontecer conosco algum dia. Mas nós achamos importante ensaiar muito, porque quando terminamos o arranjo de uma canção ela está exatamente do jeito que

[+1] Ronnie também é Contra.



[+2] A estreia da banda no Brasil foi como a atração principal do *MECA Festival*, evento realizado na praia de Atlântida, no Rio Grande do Sul. Confira a resenha na página 72.

“PARECE LATINO, PARECE AFRICANO, PARECE QUALQUER COISA”

VAMPIRE WEEKEND
NÃO ESCOLHE LADOS.
E PRECISA?

FOTO: SØREN SOKÆR STARBIRD

queremos tocá-la.

Existe uma preocupação em não soar muito eletrônico, em respeitar a atmosfera orgânica das canções?

Sim, acredito que quando as pessoas vão ver um show elas querem ver a banda tocando. É claro que em toda a apresentação vai existir um som proveniente de alguma fonte eletrônica. Tentamos equilibrar como tocamos e como gravamos.

[+3]



Nas apresentações também fica mais evidente a importância do baterista em uma banda que transita por tantas sonoridades diferentes. Você tem um background em outro estilos de música além do rock?

Na verdade não tenho background em nada como baterista, já que aprendi a tocar de forma quase intuitiva. Basicamente, crio algumas peças, ou nós todos pensamos e chegamos em algumas peças juntos, e as coisas fluem. Tentamos evitar clichês do rock 'n' roll na bateria, mas também temos esquisitices nas linhas de baixo e nas trocas de instrumentos. Parece latino, parece africano, parece qualquer coisa. Gostamos de procurar coisas diferentes justamente para soar diferentes.

No início vocês achavam que ter uma banda de rock seria entendiante, já que tinham mais afinidade com outros gêneros. O que os fez mudar de ideia?

Nós gostaríamos de poder tocar para os nossos amigos, de fazer shows em festas. Para isso é preciso existir uma bateria, um baixo, uma guitarra e um teclado ou coisa parecida (risos). Nosso objetivo foi ter esses instrumentos, que são poderosos e têm toda uma tradição, mas fazendo com que soassem novos, mais interessantes, com elementos agregadores e com frescor. Pensando justamente em quem frequentaria nossos shows, achamos que isso manteria as pessoas interessadas e seria mais excitante. Acabou sendo o nosso diferencial manter os instrumentos que já vimos tanta gente tocando, mas tornar tudo ser único, do nosso próprio estilo.

[+4] A ex-modelo presente na capa de Contra, Kirsten Kennis, está processando a banda em US$ 2 milhões por não ter autorizado o uso da imagem em questão, tirada em 1983. Um detalhe curioso é que ela soube do uso após se reconhecer em um CD da filha, que adora a banda. Em julho do ano passado, fãs do mundo inteiro demonstraram apoio na internet, postando versões de capas com pessoas diferentes







As bandas com estilo parecido com o de vocês, como Grizzly Bear e Dirty Projectors, não conseguem fazer ninguém dançar, mas vocês sim. Isso foi uma preocupação?

Também foi natural. Sabíamos que estávamos lidando com música pop. E um segmento grande dela, começando com os Beatles e descendo até Katy Perry, é baseado na dança.

Particularmente, muitas das batidas que eu toco são quatro por quatro, seguem um padrão constante, o que as torna fáceis de dançar. Não foi uma preocupação, mas foi algo que ficou claro desde os nossos primeiros shows. Quando tocamos, as pessoas conseguem se mexer—eu acho isso legal e espero que permaneça assim.

Vocês têm uma relação forte com a cidade onde vivem, como algumas bandas de Nova York têm? Como se deu a influência californiana no álbum novo?

Nós nos conhecemos em Nova York e já moramos lá há oito anos. A variedade de culturas e pessoas abre um leque de possibilidades e isso tem um papel muito importante para nós. Mesmo assim, passamos muito tempo na Califórnia, Rostam (Rostam Batmanglij, produtor, tecladista e baterista) viveu lá por anos, é um lugar especial. Vou dar um exemplo: agora temos a sorte de estar no Brasil e curtir o calor, porque em Nova York é inverno, está frio e nevando demais; isso bota qualquer um para baixo… Fizemos o *Contra* no início de 2009, em uma atmosfera cinza. Quando você está em um estúdio em um dia frio de março ou fevereiro você pensa em lugares ensolarados e, para nós nova-iorquinos, lugares assim ficam na Califórnia. Mas agora conhecemos o Brasil, que também é realmente muito quente (risos).

Muita gente disse que vocês soam mais maduros em *Contra*. Você concorda?

Fizemos o primeiro álbum de forma quase reclusa, apenas nós quatro. As pessoas adoraram, e, com a turnê de dois anos, nos tornamos ainda mais conscientes a respeito de nossa própria música, o que ela

"SE EU SOU UM CONTRA? NÃO SEI. ALGUNS VÃO ACHAR QUE SIM, OUTROS QUE NÃO. MAS CERTAMENTE NÓS DA BANDA ESTAMOS MAIS INTERESSADOS EM CONEXÕES E SIMILARIDADES DO QUE EM DIFERENÇAS."

CHRIS TOMSON, *BATERISTA DO VAMPIRE.*

poderia fazer e como as pessoas poderiam receber. Isso influenciou nossa abordagem, além do fato de que estávamos todos dois ou três anos mais velhos quando fizemos o segundo disco.

E qual é a ideia da capa dos álbuns? Parece que a menina do segundo está na festa do primeiro…[+3]

(Risos) Faz sentido! Mas é engraçado porque as fotos foram tiradas com mais de vinte anos de diferença. São ambas polaroides, então têm um aspecto semelhante. A primeira capa é uma foto de um de nossos primeiros shows, em um lugar que frequentávamos durante a faculdade. Quando vimos, achamos muito legal e evocativa, foi uma escolha fácil. A capa de *Contra* também foi um achado, o jeito que ela olha é enigmático. Não é vazio, mas é sujeito a muitas interpretações, alguns acreditam que ela parece brava, outros que parece assustada. Sentimos que ela conectaria bem com a música, de alguma forma tinha a ver com o que estávamos conversando a respeito da capa e pensando em fazer.

E como está a confusão com a moça da foto[+4]**?**

Ainda está correndo. Aprendemos que essas coisas levam um tempo incrivelmente longo. Mas vai se resolver em breve e serviu para lembrarmos que temos fãs ótimos que nos apoiaram de uma maneira muito engraçada. Isso foi legal de ver.

Foi surpreendente descobrir que Baio *(Chris Baio, baixista)* foi influenciado por artistas brasileiros muito obscuros, como Paulo Bagunça e a Tropa Maluca—era sabido apenas que Rostam era fã de Tropicália. Você também gosta de música brasileira?

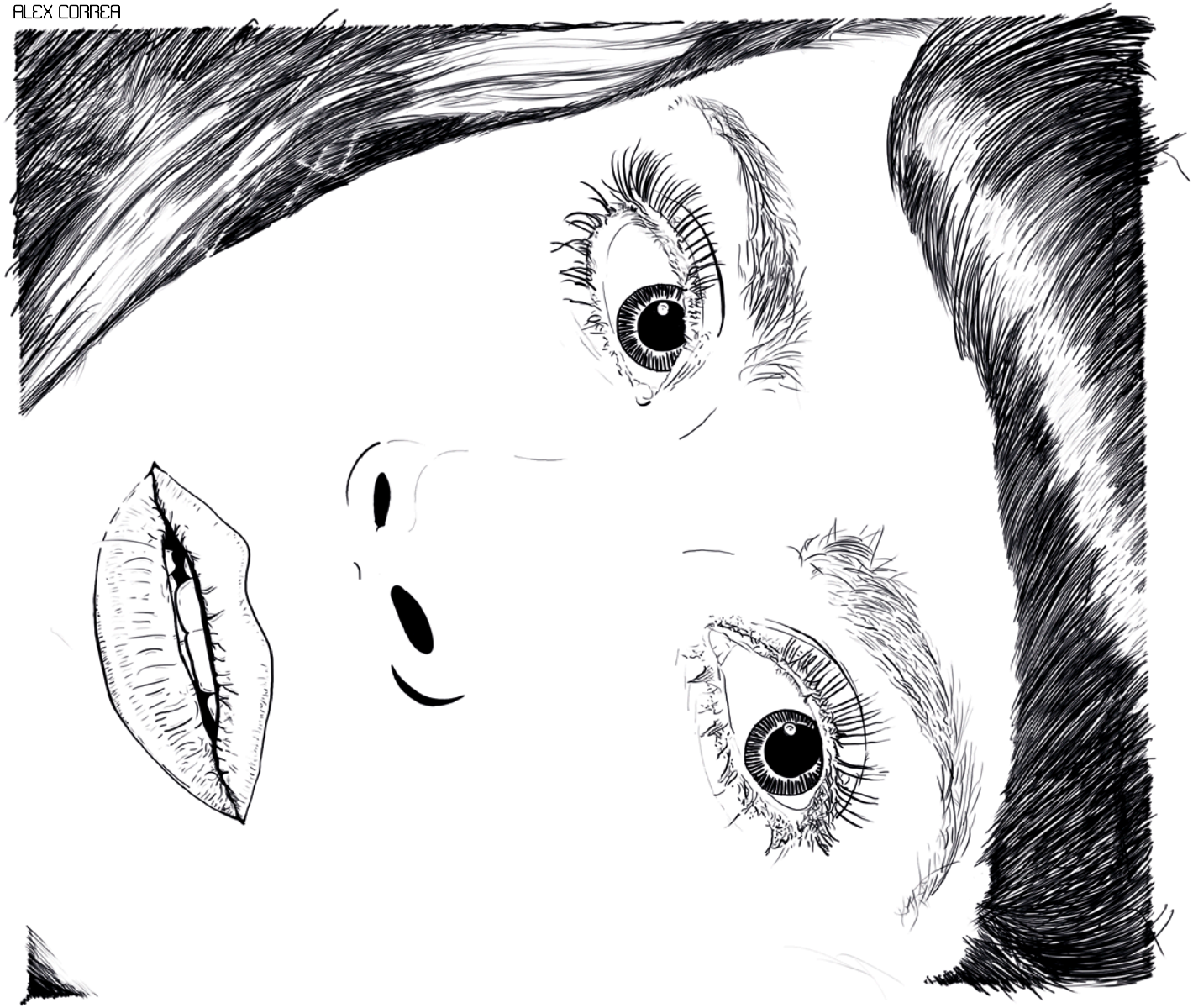
Todos nós conhecemos um pouco. Eu curto Jorge Ben e jazzistas como Tom Jobim e Sérgio Mendes. Mas Baio é o maior apreciador, justamente acaba de comprar uma caixa gigante de discos do Tom Zé. Eu não sou tão familiarizado, mas gosto muito de tudo que me apresentaram ou que entrou em contato comigo aleatoriamente. Numa escala mundial, o Brasil é conhecido pelo futebol e pela ótima música. Eu também assisti a um show do Seu Jorge há pouco tempo em Istambul e adorei, já gostava dele pelo que conhecia do filme "A vida marinha com Steve Zissou"[+5].

Eu procurei por esta resposta na última canção do álbum, mas preciso perguntar mesmo assim. O que é Contra? Quem é um Contra? Alguém diferente do resto? Vocês são Contras?

Acho que não é nada especificamente. O conceito vem do fato de que vimos muitas pessoas reagindo ao nosso primeiro álbum de uma forma estranha, "vocês são um grupo, e nós somos outro, não existe possível ligação", tipo branco no preto. Mas nós encontramos conexões justamente nas dessemelhanças, então eu acredito que um "contra" não é alguém, mas uma ideia que representa essa dualidade. Se eu sou um contra? Não sei. Alguns vão achar que sim, outros que não. Mas certamente nós da banda estamos mais interessados em conexões e similaridades do que em diferenças.

[+5] No longa dirigido por Wes Anderson, Seu Jorge interpreta um músico chamado Pelé. É dele, também, a trilha do filme, composta apenas por interpretações em português de músicas de David Bowie

_TEXTO
ALEX CORREA



KATE NASH

MÚSICA: INCONDICIONALMENTE

Aos 23 anos, Kate Nash agora sabe o que quer.

Rostinho de menina meiga, voz doce carregada de sotaque londrino e cabelo curtinho, vermelhaço: a primeira impressão que Kate Nash passa é de uma menina fofa, frágil e levemente superficial. Mas é fácil deixar todas essas impressões irem embora depois de ouvir com um pouco mais de atenção as palavras que saem de sua boca: em seu single de maior sucesso, "Foundations", ela esbraveja palavrões para relatar um relacionamento tenso; em "I Just Love You More", Kate incorpora uma mistura de Joan Jett, Kim Gordon e Cat Power e, em seu último disco, fala sobre querer drogas e sexo sem compromisso. Nada mau para quem tem *Cupcake Nash* como apelido, hum?

Mais difícil do que ser multifacetada é ter que ocupar o papel de estrela na maior parte do tempo. Durante a turnê de seu primeiro disco, *Made of Bricks* (2007)[+1], a pressão do trabalho pesou: sem perspectiva de voltar pra casa depois de meses em turnê, o colapso nervoso foi certeiro. "Fiz meu primeiro show em 2006, e as coisas foram bem difíceis no início. Quando terminei minha primeira turnê eu estava completamente desgastada. Foi uma época bem estranha; eu me sentia estranha. Mas nessas horas tudo o que você precisa fazer é tirar um tempo para descansar", explica.

A péssima experiência serviu de lição. Durante a turnê de seu segundo (e mais caprichado) disco, *My Best Friend Is You* (2010), Kate fez pausas entre shows e tirou férias generosas no final do ano. E, no final das contas, o tempo com a família e a retomada de sua vida social acabam sendo bons também para seus fãs: "acho muito difícil compor quando estou viajando, então tento escrever principalmente quando estou em casa." Deve ser por isso que, por enquanto, ela não pretende lançar nada novo. Ou porque desta vez prefere fazer as coisas em outro tempo. É que não há duvidas de que a carreira da cantora andou mais rápido do que suas próprias pernas. Kate é parte da geração de músicos que deslancharam subindo covers e canções autorais em uma página de MySpace—até que Lily Allen a encontrou e empurrou rumo ao estrelato. Deste modo, ganhar dinheiro e fazer uma carreira com isso não era uma questão de escolha para Kate, era apenas ir em frente. "Tive que tomar uma decisão bem grande, mas na época não me dei muita conta disso. Eu só sabia que queria muito fazer música e que eu amava a ideia [de construir uma carreira], mas não entendia muito bem que eu estava

[+1] Kate Nash tem um cachorro chamado Fluffy e quase usou o nome do bicho para batizar seu último disco.



FOTO: CAMILA MAZZINI

"RIO, VOCÊ É BOM DEMAIS PRA SER VERDADE. EU DEVO ESTAR SONHANDO! OBRIGADA PELO MELHOR SHOW DA MINHA VIDA"

assumindo um compromisso gigantesco com algumas coisas que não eram tão favoráveis, como o péssimo estado da indústria fonográfica. Mas eu amo fazer músicas e amo fazer shows"[+2].

Ela aproveitou os meses em Londres para retomar seu projeto paralelo de punk rock, chamado The Receeders, criado com dois velhos amigos: Brett Alaimo e Jon Jackson. Desta vez, ela não quer que as coisas aconteçam rápido demais. "A gente tem algumas músicas novas, mas por enquanto só levamos o grupo como diversão", enfatiza. Porque para Kate, tocar com os Receeders é um exercício de nostalgia. No grupo, ela descarrega as influências de bandas que marcaram a ferro sua adolescência: "eu ouvia bastante Buzzcocks. Também curtia Joy Division", conta, "mas nesses últimos dias eu tenho ouvido bastante Broadcast, você conhece?". E emenda dizendo como ficou chocada com a morte de Trish Keenan, integrante do duo, em janeiro deste ano.

A naturalidade com que encara as entrevistas—às vezes parece uma conversa de conhecidos íntimos—e sua onipresença no Twitter podem dar a impressão de que a moça é totalmente acessível. "Na verdade, acho que sou uma pessoa bem fechada, mas quando toco minhas músicas fica muito mais fácil falar sobre mim", ela rebate[+3]. Seja qual for a verdade, sua passagem pelo Brasil para apenas dois shows no fim de fevereiro renderam uma rasgação de elogios públicos de dar gosto. "Rio, você é bom demais pra ser verdade. Eu devo estar sonhando! Obrigada pelo melhor show da minha vida", postou. Depois, no aeroporto, completou: "Triste por estar indo embora do Brasil. Rio e São Paulo foram os melhores shows da minha vida! Um país lindo cheio de pessoas lindas".

Diva e mocinha. Tímida espalhafatosa. Cupcake com pimenta. Tem como não amar?

[+2] Em 2008, Kate foi escolhida como "Melhor Cantora" no BRIT Award, maior premiação da música britânica

[+3] Kate Nash não fala muito sobre sua vida pessoal, mas não conseguiu esconder seu namoro com o vocalista do The Cribs, que começou em 2007.

RAI

Novo

Frango Defumado com Cream Cheese.

Uma irresistível combinação.

Experimente esse sabor.



Apresente este anúncio e na compra de um sanduíche de 15 ou 30 cm, ganhe um refri de 300 ml.

Restaurante SUBWAY® Cidade Baixa
Rua da República, 214
Tel.: 3226 - 4040

SUBWAY

gostoso e saudável.™

© 2010 Doctor's Associates Inc. SUBWAY® é uma marca comercial registrada de Doctor's Associates Inc. Esta promoção não se acumula com nenhuma outra promoção, ofertas, descontos (combo, dobro de carne, dobro de queijo ou bacon, etc.). Válido somente para os restaurantes participantes. Essa promoção não é válida para sanduíche do dia e vegetariano. Sem permissão de substituições. Imagens meramente ilustrativas. Promoção válida por tempo indeterminado, dando total liberdade ao restaurante encerrá-la ou modificá-la sem prévio aviso.

VENDE-SE



CÂMERA DESCARTÁVEL_

Para festas instantâneas, ***pool parties*** e momentos em que do nada—e fora de época—a vida se transforma em carnaval, esqueça sua câmera em casa, e arrisque não saber como vão ser suas lembranças.

FujiFilm QuickSnap Marine.
Preço: em média R$ 70



CAMISINHA_

Colorida (uma de cada), com sabor, textura, clássica, extra large, você decide como—desde que seja sempre. Camisinha protege de DSTs, gravidez indesejada e de dor de cabeça. Então, "Bota a camisinha, bota meu amor, hoje tá chovendo não vai fazer calor."

Preservativo Jontex Sensation De Bolso c/ 3 unidades. Preço: em média R$ 4,65



BOTE INFLÁVEL_

Com as águas de março fechando o verão e os atuais super-alagamentos nas grandes capitais, torna-se indispensável carregar um bote inflável dentro da mochila—e esta frase não é uma piada. Prefira sem remos, e em formato de animais carnívoros.

Bote inflável tubarão feliz. (Ri Happy)
Preço: em média R$ 40



CANECA_

Vale ter uma sempre por perto. Diminui o uso de copos descartáveis (o plástico demora 500 anos para se decompor), facilita brindes quando tudo dá certo e afogamento de mágoas quando tudo dá errado.

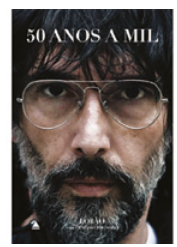
Caneca não sou de se jogar fora. (Imaginarium)
Preço: em média R$ 30



A VIDA É DOCE_

Você pode começar pela sobremesa. Uma lata de leite condensado + 3 colheres de sopa de chocolate em pó + 1 colher de sopa de manteiga. Misture tudo em fogo baixo e mexa até desgrudar do fundo da panela. É bom antes, durante e depois de la fiesta. Seja ela qual for.

Brigadeiro (mas os gaúchos chamam de negrinho). Preço: a receita completa dá menos de R$ 6.



O LOBO_

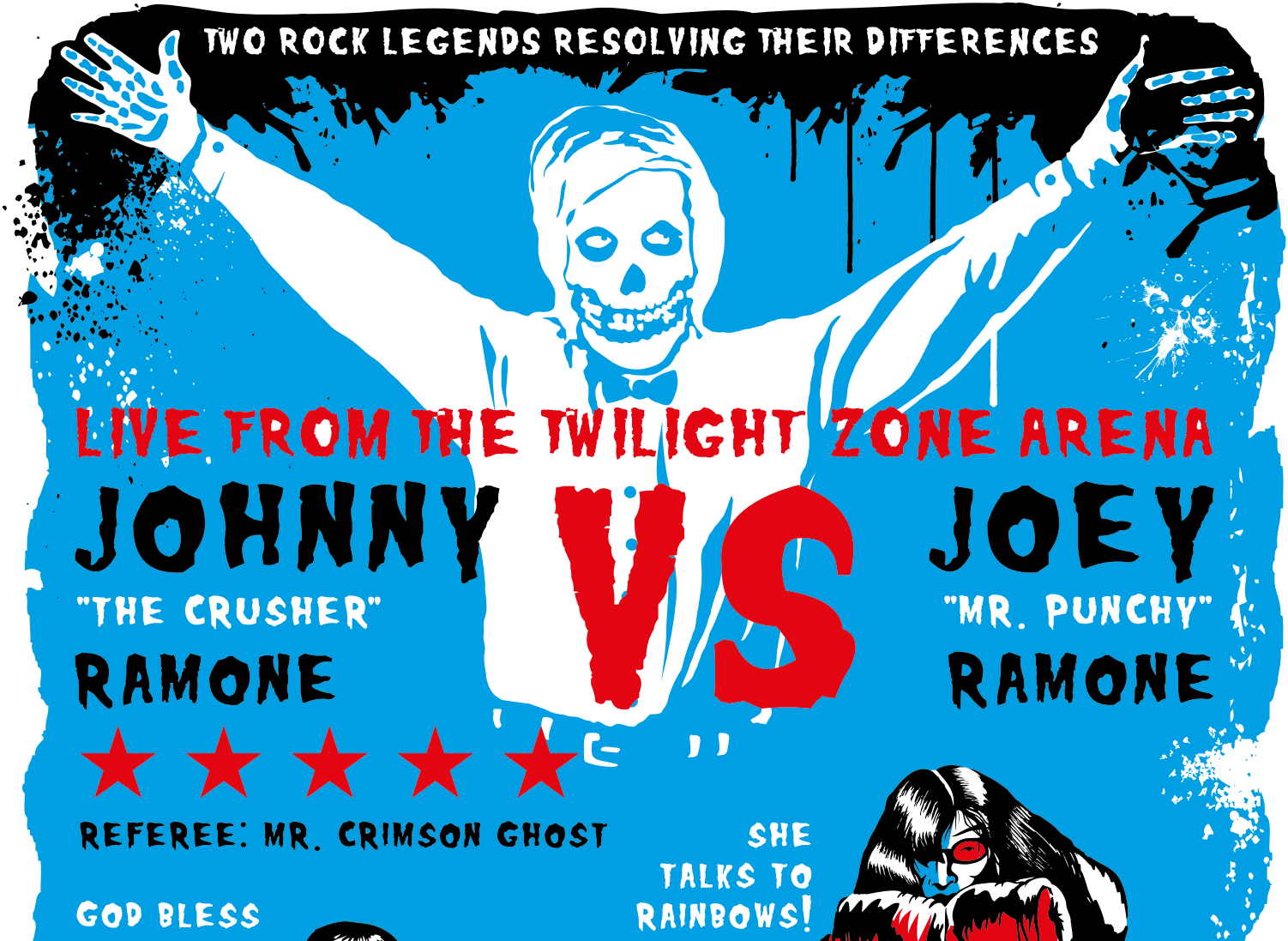
600 páginas. Outras mil foram eliminads com o auxílio do jornalista Claudio Tognolli. E certamente, nem tudo está dito. Só mesmo um livro desta envergadura para dar conta da vida louca, vida, vida imensa de João Luíz Woerdenbag Filho, o Lobão. Desliga esta TV, aumenta o som e vai ler um livro, vai.

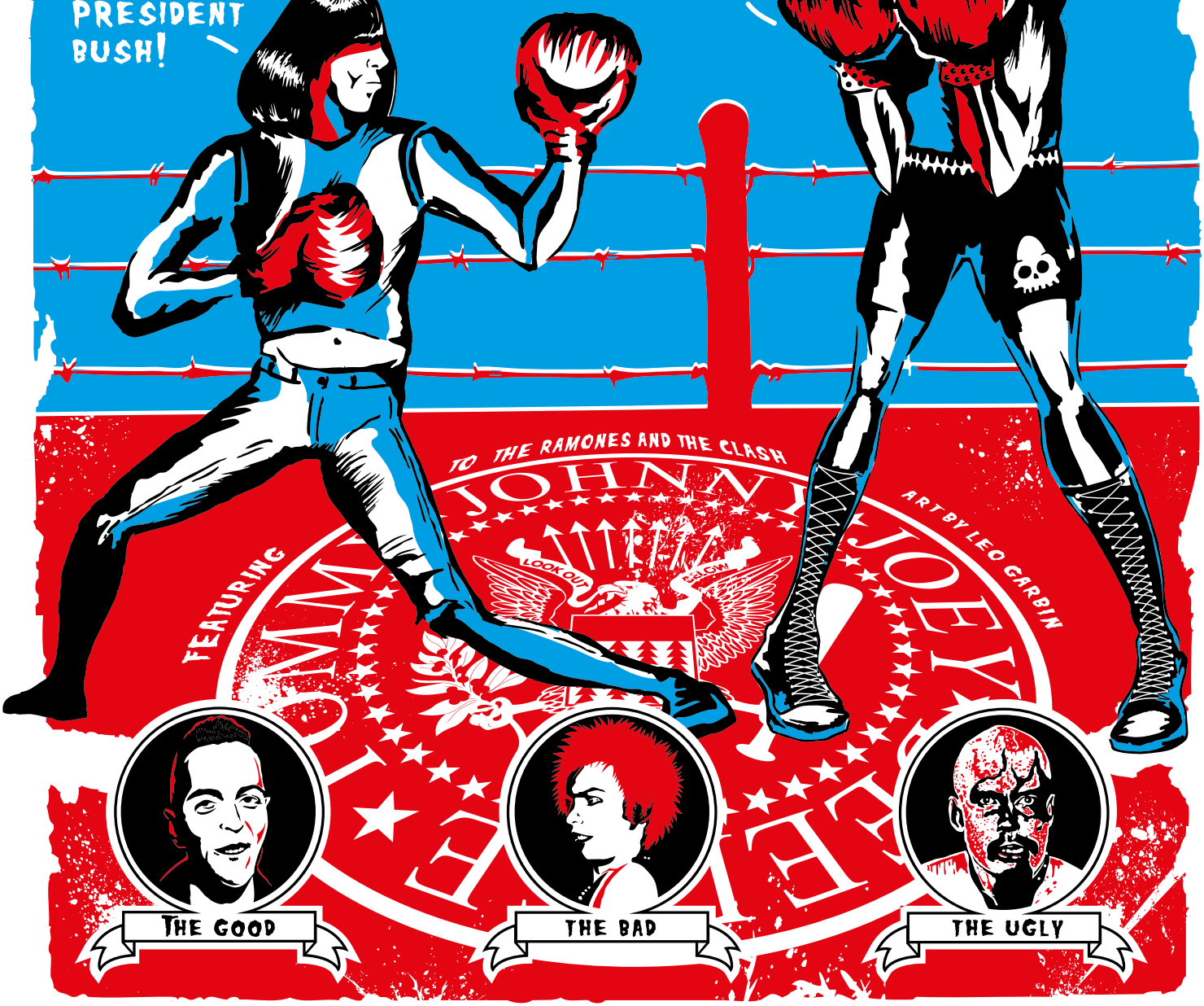
Lobão – 50 anos a mil (Ed. Agir).
Preço: em média R$ 59,90

ESTAMPA DO MÊS

Marca:
Vulgo
Onde Encontrar:
vulgostore.com.br




TWO ROCK LEGENDS RESOLVING THEIR DIFFERENCES
LIVE FROM THE TWILIGHT ZONE ARENA
JOHNNY
"THE CRUSHER"
RAMONE
VS
JOEY
"MR. PUNCHY"
RAMONE
REFEREE: MR. CRIMSON GHOST
GOD BLESS
SHE
TALKS TO
RAINBOWS!


PRESIDENT BUSH!
TO THE RAMONES AND THE CLASH
JOHNNY
JOEY
FEATURING
ART BY LEO GARBIN
LOOK OUT
THE GOOD
THE BAD
THE UGLY

JLUSTRA
CC/A CONTINUOS LEAN

REVIEWS



TIÊ

A coruja e o coração

★★★

Tiê era a cantora de arranjos instrospectivos e confessionais. A conjugação vem no passado simples, pois a prévia do novo disco da cantora, o EP *A Coruja,* é como um contraponto indeciso do disco de estreia *Sweet Jardim*. Às vezes inteligente, às vezes insossa, a busca por leveza nas novas composições—com exceção da encantadora "Para alegrar o meu dia"—carece de justificativa. A chegada de novos instrumentos traz, curiosamente, uma falta de densidade, transparecida em composições como "Na Varanda de Liz", faixa muito distante da voz forte de "Dois" e "Assinado Eu". Mesmo assim, ao entender o convite na composição de Tulipa Ruiz, Tiê transforma "Só sei dançar com você" numa ordem leve de dança a dois.
Ana Laura Malmaceda



TORO Y MOI

Underneath the pine

★★★

Na virada de 2009-10 o *début* do Toro Y Moi foi destaque entre os blogs de música e ganhou o indefectível carimbo *chill wave*, tag pra músicas solares e melódicas, de produção crua que segue firme como hype em blogs de música. Mas Chaz Bundick conseguiu a proeza de afastar seu projeto do rótulo e acrescentar classe a seu segundo e recém lançado disco. Há dois claros destaques: "*Still Sound*", que traz os mesmos efeitos de eco e ruído que já vimos, agora sobre uma batida irresistível, e "*New Beat*", um som 80s com boa levada sintética e vocal delicado. A influência funk dá indícios de que Toro Y Moi segue como uma das promessas da música na nova década. *Underneath the Pine* saiu no Brasil pelo selo Vigilante, em versão digital e CD. **Gaía Passareli**



RADIOHEAD ★★★½

The King of Limbs

Taí um álbum difícil. Difícil acreditar que tenha saído do mesmo lugar imprevisível que os outros sete; difícil ouvir de forma neutra, separando o senso crítico do fanatismo pela banda; difícil entender como um álbum que mais parece um EP, com apenas 8 músicas, se transforma em dois completamente diferentes; e difícil não acreditar que a primeira metade dele seja a continuação de *The Eraser,* solo do Thom Yorke, e a segunda um conjunto de *C-sides* do *In Rainbows*. Difícil compreender por que Phil Selway e Jonny Greenwood aceitaram os papéis de meros figurantes no Radiohead; difícil tirar os versos de *Lotus Flower* da cabeça e se acostumar com um Thom Yorke dançante; difícil assumir que, pela primeira vez, eles não trouxeram nada de novo. *The King of Limbs* não é um álbum fácil, mas difícil mesmo é não amá-lo. **Diego De Carli**



P.J. HARVEY

Let England Shake

★★★★½

Segue a saga de PJ Harvey em busca da própria identidade. Se não encontrou nas próprias entranhas, expostas em *White Chalk* (2007), nem nas agruras da vida a dois berradas em *A Man A Woman Walked By* (2009), agora ela estende o processo de auto-análise a todo um país. *Let England Shake* esmiuça a PJ Harvey herdeira do pós imperialismo, a que mandou tropas para a guerra, a que enxerga o fruto do próprio território como uma "criança órfã e deformada", e a PJ que, mesmo assim, declara amor a sua terra. *Let England Shake* é intenso, cruel, pesado, lindo. Enquanto o império desaba, Polly Jean constrói com lucidez sua auto-imagem e encaixa uma peça fundamental na boneca russa que é a sua discografia. *God bless you, PJ.*
Diego De Carli



BEADY EYE

Different gear, still speeding

★★★

Os ex-Oasis anunciaram que "tudo estava diferente". Mas uma audição às cegas faz pensar que se trata de um novo álbum do ex-grupo, salvo raras faixas. Estigma árduo de se livrar. Quase como covers de si próprios. Arranjos a la Lennon, nos acordes de "The Roller" (chupados de "Instant Karma!"), pianos cadenciando colcheias (lembram Stones em *Exile on Main St.*) na "Bring The Light", em que Liam se apoia no eufórico *back* feminino (ponto alto), e flerte com o britpop: "Four Letter Word", roqueira, vem envolta por guitarradas de harmonias econômicas e retas. Inevitáveis referências ao passado. Não obstante, o resultado deságua em pegajosas composições. Consolo a fãs que lamentam o fim de uma grande banda.
O título que o diga. **Nicolas Gambin**



ADELE

21

★★★

Aos 22 anos, a gordelícia britânica lança *21*—idade com que compôs e gravou a maioria das faixas, e quando parecia estar com uma vida amorosa bastante turbulenta. Não há uma faixa no álbum que não fale sobre amor—ou, melhor dizendo, sobre a falta dele. O ápice do desabafo chega em "Someone Like You": música linda, apenas com uma base no piano e o vozeirão de Adele, sobre o fim de um relacionamento. "Lovesong", cover de The Cure com um jeitinho João Gilberto, é mais otimista, mas o pódio do disco fica mesmo para "I'll Be Waiting", balada-country-soul, e a duplinha em que capricharam na bateria: "Rumor Has It", com os dois pés no rockabilly, e o single "Rolling in the Deep", de arrepiar. **Alex Corrêa**



CAKE

Showroom of compassion

★★★½

É difícil inovar sempre, até mesmo para a mais criativa das bandas. Depois de tanto tempo de estrada (só entre *Showroom of Compassion* e seu antecessor, *Pressure Chief,* foram sete anos), o Cake continua com o vigor de sempre, mas não tenta reinventar a roda. Não espere uma revolução a cada música, mas sim a agradável mistura de ritmos que sempre foi característica do grupo californiano. Do single "Sick of You" à dançante "Mustache Man", o que se ouve aqui são 11 faixas de Cake puro, com o sarcasmo habitual e a voz deliciosamente preguiçosa de John McCrea. Até mesmo a instrumental "Teenage Pregnancy" tem a cara da banda. Em suma, um disco de poucas novidades, mas, por outro lado, sem nenhuma decepção. **Daniel Sanes**

ESCUTE TAMBÉM: JORGE BEN, BEN E GIL & JORGE - OGUM XANGÔ

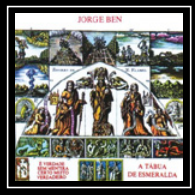
DISCOGRAFIABÁSICA

por Daniel Sanes

JORGE BEN



SAMBA ESQUEMA NOVO | Um violão tocado de forma estranha, sincopada, como se fosse um tambor; letras que foram chamadas de "infantis" pelos críticos, mas que na verdade são geniais em sua simplicidade. Assim é o disco de estreia de Jorge Ben, um carioca de Madureira influenciado por bossa nova e rock 'n' roll. Lançado em 1963, *Samba Esquema Novo* já dava indícios do estrago que Ben (depois Benjor) faria. "Mas Que Nada", faixa que abre o disco, foi disseminada mundo afora por Sérgio Mendes e, mais recentemente, pelo Black Eyed Peas. "Mas que nada, sai da minha frente que eu quero passar", diz Jorge—e ele não só passa, como arrasa com canções grudentas como "Tim, Dom, Dom", "Por Causa de Você, Menina" e "Chove, Chuva".



A TÁBUA DE ESMERALDA | Depois de misturar com desenvoltura ritmos brasileiros e africanos, Jorge Ben comete, em, 1974, sua obra-prima *A Tábua de Esmeralda*. As letras são um tanto viajandonas, como em "Os Alquimistas Estão Chegando" e "O Homem da Gravata Florida", e mesmo assim (ou por isso mesmo) irresistíveis. Já as melodias figuram entre as mais criativas que Ben já compôs. Essa fase, que ele chamou de "alquimia musical", durou mais dois discos(*Solta o Pavão* e *África Brasil*), mas é nesse que o músico alcançou o ápice. A beleza de *A Tábua* não fica limitada a canções místicas e psicodélicas: há momentos de romantismoe sensualidade, como "Menina Mulher da Pele Preta" e "Minha Teimosia, Uma Arma para te Conquistar".



ÁFRICA BRASIL | Apenas dois anos depois de *A Tábua de Esmeralda* (e de aliviar nas "regras herméticas"), Jorge Ben mostrou que poderia colocar ainda mais ingredientes em sua saborosa salada musical. Em *África Brasil,* o flamenguista acrescentou toques de guitarra e prestou homenagens ao esporte mais popular do mundo com "Umbabarauma", sobre um ponta de lança africano, e "Camisa 10 da Gávea", tributo a seu ídolo maior no futebol, Zico. O orgulho da negritude se faz presente na faixa-título (uma releitura de "Zumbi", de A Tábua...) e "Xica da Silva". Neste álbum ainda há uma versão mais cadenciada de "Taj Mahal", cujo refrão hipnótico teve a melodia surrupiada por Rod Stewart no hit "Do Ya Think I'm Sexy?"



IRON & WINE

Kiss each other clean

★★★★

Tenho uma amiga que só consegue pegar no sono com a sua playlist do Iron & Wine. É fácil entender o porquê desse saudável vício. Expoente do novo folk ianque, a banda-de-um-homem-só comandada por Sam Bean tem a manha de tomar a mão do ouvinte e levá-lo para um passeio outonal por sons doces e iluminados—a sensação de conforto é quase palpável. Novas nuances e instrumentações marcam este quarto álbum de estúdio. "Rabbit Will Run" traz um fraseado de flauta de emocionar Burt Bacharach, enquanto a funkeada "Your Fake Name Is Good Enough For Me" tem *backing vocals* femininos, sax e encerra com versos doloridos que não sairão da sua cabeça. Com esse poderio de fogo, a banda certamente irá embalar muito mais sonhos mundo afora. **Fernando Halal**



CUT COPY

Zonoscope

★★★★

A galera do neon está em polvorosa: o Cut Copy voltou. Para suceder a pequena obra-prima *In Ghost Colours* (2008), os australianos mergulharam fundo na ousadia. Chamaram o produtor Ben Allen (Animal Collective), que ajudou a conceber um vasto cardápio de ensolaradas canções synthpop. O som contagiante do trio está ainda mais melodioso. "Where I'm Going" é a canção pop perfeita, com batida glam, "u-hus" adocicados e refrão fácil. "Alisa" traz *riff* orgânico e transpira New Order do início ao fim. Claro que a pista não foi esquecida, e "Corner of the Sky" está aí para isso. Com o fim anunciado do LCD Soundsystem, é só uma questão de tempo até que o Cut Copy ocupe o posto de principal nome do dance-rock atual. Façam suas apostas. **Fernando Halal**



SABONETES

Sabonetes

★★

Lançado de forma independente e agora relançado com a assinatura do produtor Rick Bonadio, o primeiro trabalho do quarteto Sabonetes carrega os elementos de um bom disco *indie*, usados na dose errada. Já na abertura, "Nanana" parte de boa batida de bateria com guitarra forte, que acabam se dissolvendo justamente no "nanana" que dá título à música. Ao se soltar da necessidade de criar canções com apelo pop, o grupo acerta nos ares de pista com leves toques soturnos de "Descontrolada", nos efeitos de "Bolero" e na levada dançante de "Se não der não deu". Mas tudo com a falta de ousadia que diferencia os discos bem produzidos dos bons discos. **Lucca Rossi**

TA POR VIR

.: 3 de maio_Fleet Foxes | *Helplessnes Blue*

Desde o lançamento do disco homônimo, em 2009, o Fleet Foxes cravou bandeira como um dos resgates mais bacanas e arejados de uma estética autenticamente folk. Os arranjos são cheios e primorosos, as harmonias vocais exalam o talento do vocalista e compositor Robin Pecknold. Muitos tentaram, mas parece que ninguém repetiu o feito desses músicos de Seattle. ***Será que eles próprios conseguirão?***

CONFIRA

Lykke Li
Wounded Rhymes

___A sueca enterra a garotinha a que era associada e aponta para um caminho novo. No segundo trabalho, abre espaço para o deserto e a sombra, e Wounded Rhymes vem mais pesado. Vale a audição e mesmo uma segunda chance de quem não se convencia com Youth Novels.

Gang of Four
Content

___Mais de 30 anos depois do pós-punk inventar a música de pista do século 21, o Gang Of Four volta em *Content*, cuja capa tosca reforça o título: o que importa é o conteúdo, e que ele seja urgente, visceral e dançante.

Motörhead
The World Is Yours

___Mais de 35 anos na ativa e sem nunca tirar o pé do acelerador. O novo álbum do trio segue a cartilha dos demais: rock'n'roll básico com a urgência do punk, o peso do metal e a inconfundível voz de Lemmy Kilmister. Prato cheio para os fãs.

REDESCOBERTA

KEVIN AYERS
JOY OF A TOY (1969)



As personagens femininas tomam conta de Joy of a Toy—e são agraciadas com uma poesia surrealista e delicada, como nas imagens da "Girl on a Swing", entre notas de piano e guitarras hipnóticas, um retrato de uma quase inocente menina brincando no balanço. Ou a mulher devorada por um bolo em "Eleanor's Cake", ou a Alice que veste o seu vestido mais sexy mas não quer que ninguém a olhe na colagem pop-psicodélica de "Song For Insane Times". Também os versos trovadores que amedrontam Rachel no castelo de "Lady Rachel", ou na moça de "The Clarietta Rag", que passeia de lambreta durante o dia e de noite se transforma em uma rosa. Entre elas, um homem que fazia a diferença no cenário inglês do final dos anos 60: Kevin Ayers. ***Leonardo Bomfim***


6
1
2
5
4
3
PATTI SMITH
só garotos
MATE-ME
POR FAVOR
(Please Kill me)
PUNK

6. WHITE STRIPES

Cinco discos, incontáveis hits e treze anos depois, The White Stripes "não voltarão a gravar ou a atuar ao vivo"… juntos. Nada mais de figurino preto e vermelho, shows improvisados e videoclipes dirigidos por cineastas como Michel Gondry e Sofia Coppola. Por enquanto, ***Jack*** diz que não pretende formar uma nova banda - ele já tem Raconteurs e Dead Weather, e ***Meg*** quer aproveitar um pouco uma vida caseira ao lado do também músico ***Jackson Smith***, filho da Patti.

2. TELEVISION

Em 1974, uma desconhecida banda de punk rock insistiu para tocar em um clube recém-inaugurado: Country Bluegrass Blues. O dono permitiu… no domingo, dia em que a casa estava fechada. O Television, em sua formação original—Tom Verlaine, guitarra e voz; Billy Ficca, bateria; Richard Lloyd, guitarra; e Richard Hell, baixo—, subiu no palco. Voltou na temporada seguinte com outra banda obscura e nova-iorquina chamada Ramones, transformou o lugar em sigla lendária (CBGB) e a si própria em um clássico. Entre uma coisa e outra, Verlaine namorou Patti Smith, tocou guitarra em ***Horses*** e brigou feio com Hell, que acabou saindo para formar os Heartbreakers com Johnny Thunders. Antes disso, ele usou uma camiseta onde lia-se ***"Please Kill Me"***.

3. MATE-ME, POR FAVOR

(Ed. L&PM)

Livro definitivo da história do punk rock. Entrevistas, histórias e ***lendas*** de bandas como MC5, The Doors, Ramones, Velvet Underground e Sex Pistols. Escrito por Larry "Legs" McNeil e Gilliam McCain, que estiveram lá, mostra como e por que uma cena musical aparentemente confusa e feita por uma geração muitas vezes chamada de "blank generation" revolucionou o mundo.

1. PATTI SMITH SÓ GAROTOS

(Ed.Companhia das letras)

Smith trabalhou em livraria, passou fome, publicou artigos sobre rock na revista Cream e lançou ***Horses***, um disco com fusão de rock, proto-punk rock e poesia recitada que ainda hoje é considerado como o melhor álbum de estreia já lançado por um artista. Neste livro, ela refaz a trajetória tendo como pano de fundo o relacionamento com Robert Mapplethorpe, um dos mais controvertidos fotógrafos contemporâneos. Juntos—como casal e como amigos—eles descobriram maneiras de transformar autodestruição, inquietude e medo em arte. E ajudaram a inventar a contracultura americana dos anos 70.

5. COFFEE AND CIGARETTES

Dirigido por Jim Jarmusch, é uma coletânea de onze curtas realizados desde os anos 80 até meados de 2001. Em torno de cafés e cigarros, personagens do universo pop, de ***Meg White*** a Bill Murray, discutem o futuro da humanidade, a ressurreição de Elvis e o bom e velho rock 'n' roll—não exatamente nesta ordem.

4. IGGY POP

Pai do punk, um tigre com um microfone, ícone cultural pop, precursor do stage dive, o popular mosh. Podemos escrever um tratado sobre **Iggy Pop**, mas vamos nos ater ao fato de que com o álbum Funhouse (um fracasso de vendas na época), do Stooges—banda onde ele era líder absoluto—, influenciou gerações de grandes artistas. Entre eles, Sex Pistols, The Clash, Smiths e David Bowie. "É o maior disco de rock de todos os tempos." Resumiu Jack White, líder do agora finado ***White Stripes***.

fotos: 1 | Divulgação MECA FESTIVAL 2 | Rafa Rocha



MECA FESTIVAL

Atlântida, 29 e 30/01

Dizem não ser possível agradar a todos, mas o *MECA Festival*, realizado na praia gaúcha de Atlântida no dia 29 de janeiro, chegou perto de atingir a façanha. Gregos e troianos, fardados com muito estilo devido a hypezíssima presença do fotógrafo californiano The Cobra Snake, aproveitaram o evento em que até o mar do litoral rio-grandense, quase sempre escurecido por algas marrons, deu-se o luxo de ficar azul. Quem aproveitou a sede praiana do festival até mais tarde, quando o calor começou a ceder, deixou de prestigiar as atrações brasileiras—exceto, talvez, pelo já assíduo visitante Copacabana Club. Uma pena. Wannabe Jalva abriu os trabalhos pouco antes das 18h com maestria e aqueceu os amplificadores para os nomes maiores que viriam à seguir com empolgação de novatos e segurança de veteranos.

A maioria do público permaneceu sentada no show seguinte, Rosie and Me, o que de fato casou bem com a atmosfera intimista e doce da apresentação dos sorridentes curitibanos. Canções indie-contries românticas como "Bird and Whale" e "Bonfires" empolgaram, mas o cover de "Ready For The Floor", do Hot Chip, canção-hino para o alternativo público presente, é que fez todo mundo bater palma e cantar junto pela primeira vez.

Antes dos gringos ganharem o palco, Copacabana Club transformou o chão em pista de dança com os hits "Just Do It", "King of The Night", "Sex Sex Sex" e a (um pouco mais) recente "Tropical Splash". Me perguntei se o público porto-alegrense, superfã dos Copas, já estava começando a cansar de shows tão parecidos. Algumas coisas não mudam—o carisma e os modelitos sensuais da vocalista, por exemplo. Cacá V, mais, tarde, lamentaria não ter preparado uma parceria com os conterrâneos da apresentação anterior.

Na sequência, o show dos irlandeses do Two Door Cinema Club surpreendeu. Empolgou mauricinhos e patricinhas e foi filmado e dançado quase por inteiro pela celebrativa plateia. Quem acreditava não conhecer surpreendeu-se com a quantidade de sucessos de um grupo com apenas um disco no currículo e poucos anos de estrada. "Something Good Can Work" foi cantada em coro pelo público e canções como "I Can Talk" e "Undercover Martyn" empolgaram até mesmo os músicos, que apresentaram uma inédita, "Hand Shake", e declararam que o amor era recíproco. Ao menos por aquela noite.

Vampire Weekend não se intimidou pela positiva surpresa, pelo contrário. Com mais história na bagagem, fizeram jus ao posto de principal atração com um show menos dançante, exceto pela autêntica catarse coletiva nos hits definitivos "A-Punk" e "Cousins", mas preciso e rico musicalmente. Canções dos dois álbuns foram equilibradamente mescladas e confirmaram a excelente recepção das faixas mais novas, além de extinguir de vez a fama de frios dos nova-iorquinos. Depois disso, mesmo com o empolgante set do duo The Twelves tomando conta do espaço, o público se dispersou. Foi direto para o Twitter perguntar se faltava muito para o *MECA Festival* do ano que vem. **Maria Joana Avellar**



LCD SOUNDSYSTEM

Porto Alegre, Casa do Gaúcho, 20/02

O LCD Soundsystem tocou em Porto Alegre. Taí uma frase que soaria improvável até pouco tempo atrás, mas aconteceu mesmo, é fato. A dúvida agora é como conduzir esse texto, que do alto de sua pretensão deve oferecer um panorama mais ou menos fiel do evento. Então, eis um texto interativo, em que o final você decide: quem curtiu o show e quer ver a opinião refletida por aqui, só dar uma driblada no 2º parágrafo e ir direto pro 3º, onde tudo é lindo e o que mais floresce é o amor. Agora, se a noite foi amarga que nem chimarrão, monta num cavalo chucro e vai a galope pro parágrafo de número 2, onde tem patada do início ao fim:

Por um lado, o Sound System da Casa do Gaúcho deixou muito a desejar. Teve ainda o aparente desconforto que volta e meia se via estampado na cara de James Murphy—o porquê não se sabe, mas sondam-se quatro prováveis motivos, em ordem de probabilidade: calor infernal, som precário, saco cheio de Murphy—que não anunciaria o fim da banda se já não estivesse por aqui (riscando a testa com o dedo) com essa história de fazer show—ou todas as anteriores. E como transmitir o desapontamento ao presenciar a execução (no sentido *R.I.P.* mesmo) da melhor música da banda? "All My Friends" ficou achatada, linear, sem sentido ao vivo. E aquele papo de show de 3 horas? Nas duas míseras horinhas, quem decidiu comprar cerveja perdeu boa parte da apresentação. Enquanto embaixo tinha fila para comprar e atrolho pra retirar, lá em cima, a gigantesca área VIP (ou qualquer coisa com nome parecido pra meia dúzia que tinha pulseirinha), parecia um campo de cevada, onde se podia beber e correr livremente. Por que isso, pow! (Aliás, "Pow Pow" fez muita falta).

Por outro lado, que noite mágica de contrastes! A banda mais século XXI trazendo sua genialidade sonora pro lugar mais… rústico de Porto Alegre. Sorte de quem estava lá e viu (e ouviu) essa história acontecer—porque depois deste, só mais um e outro show até o lamentável fim derradeiro. E que verdade seja dita: James Murphy é mesmo tudo aquilo que dizem por aí, ou melhor. Não deve haver registro de outro gordinho tão simpático, intenso, empolgado e empolgante na música. Falando em peso, "Daft Punk is Playing At My House" ganhou uma versão muito mais barulhenta e elaborada lá na Casa do Gaúcho, que, por incrível que pareça, colocou a original no chinelo. O set list escolhido a dedo contemplou bem os três álbuns da banda e fez geral suar com vontade: de "Dance Yrself Clean", pancadão fino que abriu a noite, até a inclassificável "New York I Love You But You're Bringing Me Down", que encerrou a passagem do LCD Soundsystem pelo Brasil. Palmas pro LCD Soundsystem, que já deixa saudades antes de terminar. Que a banda, assim como a noite do último domingo, seja eterna enquanto dure. **Diego de Carli**

fotos: 4 | Rafa Rocha 5 | Fernando Halal


3


4

CIBELLE

São Paulo, Estúdio Emme, 10/02

Pela primeira vez, Cibelle trouxe ao Brasil sua nova banda de apoio: o La Shark, de Londres, que também serviu como atração de abertura. A passagem por São Paulo aconteceu para divulgar o novo disco, *La Venus Resort Palace Hotel,* onde Cibelle entra no personagem de La Sonja Khalecallon, principal estrela de um *cabaret* pós-apocalíptico em uma ilha tropical, conceito que é muito bem adaptado ao figurino dos músicos e ao cenário—tudo montado pela própria Cibelle, que também se mostra uma boa *performer* na apresentação.

O novo show deixa de lado as músicas de seus outros dois discos, inclusive o grande hit "Green Grass", cover de Tom Waits, que tem mais de um milhão de *views* no YouTube e é responsável por fazer o nome da cantora se espalhar. Aqui, a bossa nova e o MPB que serviram de base para a carreira da paulistana—que já buscou refúgio em Londres há muito tempo—são trocados pelo "tropical punk", termo que Cibelle usa para definir suas novas influências.

As novas músicas soam bem cheias ao vivo: "Lightworks", "Sapato Azul" e "Underneath The Mango Three", que abre o show com clima caribenho (o calor absurdo também estava presente, aliás), são as que mais se destacam. "Sad Piano", que faz jus ao nome da faixa, é mais calma, mas consegue impressionar com a voz de Cibelle—muito mais forte ao vivo do que em disco—acompanhada apenas de um pianinho choroso. Bom vê-la de novo por aqui. Volte sempre. **Alex Corrêa**

DO AMOR

Porto Alegre, Beco, 06/02

Bonito de ver: o rock está deixando de ser um estilo fechado, avesso a outros ritmos musicais. Samba, dub, ska, lambada e guitarras a la Chimbinha do Calypso compõem a maçaroca sonora de Do Amor. O quarteto apresentou aos gaúchos em fevereiro o seu homônimo disco de estreia. No palco, Gustavo Benjão (guitarra e voz), Marcelo Callado (bateria e voz), Ricardo Dias Gomes (baixo e voz) e o quinto hermano Gabriel Bubu (guitarra e voz) garantem a cozinha mais incrivelmente suingada do momento.

"Isso é Carimbó" e "Lindo Lago do Amor" se agigantam ao vivo. Na ultradançante "Perdizes", o Beco se transforma em um barzinho pé-sujo do interior baiano, com o arrasta-pé e a plateia entoando os versos em uníssono.

À certa altura de um show já marcado pela imprevisibilidade, Benjão solta um "vamos tocar agora mais uma canção de gosto duvidoso". O público cai na risada e logo tem início o pogo, ao som de "Pepeu Baixou Em Mim". Está aí uma banda que leva muito a sério sua missão: a diversão pura e simples. E as regras do "mercado" que vão às favas.

Próximo do final, Diego Medina sobe ao palco para provar que sim, nós gaúchos também temos chinelagem. O ex-líder da Video Hits se esgoela com "Epilético", clássico da DOISEU MIMDOISEMA. A performance incendeia a pista. No dia seguinte, quem se pegou curtindo no repeat "Baby Doll de Nylon", de Robertinho do Recife, já não o fez com aquele sentimento de culpa. Missão cumprida.

Fernando Halal

natura
bem estar bem
apresenta

VANESSA DA MATA

BICICLETAS, BOLOS E OUTRAS ALEGRIAS

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 ANOS



16/ABR
21H
TEATRO DO SESI

Ingressos na bilheteria
do Teatro do Bourbon Country ou
Telentrega Ingresso Show
(51) 8401 0555
Lojas Renner
Iguatemi (POA) e Praia de Belas

opuspromocoes.com.br

REALIZAÇÃO
APOIO
PATROCÍNIO
natura musical
nos encontramos na musica

IMAGENS

_O QUE ACONTECEU NO MÊS DE FEVEREIRO

_Créditos

- Ariel Martini
  _Cibelle @ São Paulo
- Divulgação MECA
  _MECA FESTIVAL @ Atlântida/RS
- Camila Mazzini
  _Kate Nash @ São Paulo
- Fernando Schlaepfer
  _I Hate Flash/Database @ Rio de Janeiro
- Rafa Rocha
  _LCD Soundsystem @ Porto Alegre

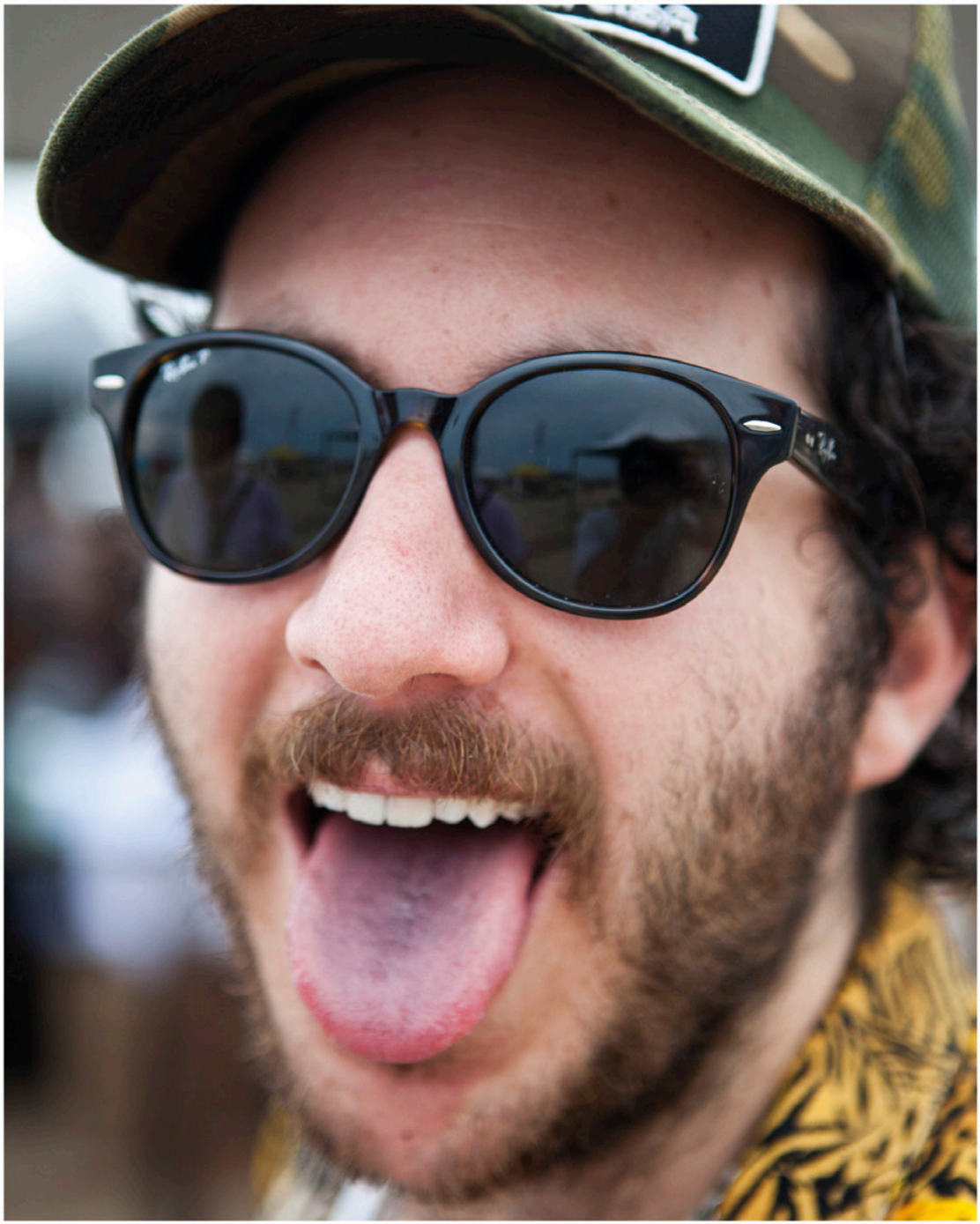







Pioneer


GLOBE
GLOBE
GLOBE
GLOBE
GLOBE
GLOBE
GLOBE







AND IN THE END

THALMA DE FREITAS FALA SOBRE...



Gabriel Martins

__DIÁRIO MIRADOURO | Rio de Janeiro, Santa Teresa. 21 de Fevereiro de 2011. Mirando em cento e oitenta graus a zona norte da cidade onde nasci, que está ficando ainda mais maravilhosa. A casa do baterista Renato Massa, ex-Consulado do Egito, tornou lar meu e da minha produtora, A Filha do Maestro, que promove eventos e acontecimentos artísticos em dimensão ímpar. Imensidão de possibilidades se estendendo até onde os olhos podem ver, batizei Miradouro este lugar privilegiado que se presta a ser uma residência + central de criação + espaço para celebração. Estúdio, piscina, sete quartos e um laje de quinhentos metros; espaço de sobra pra qualquer empreendedora visionária e destemida construir um mundo.

Em novembro de 2010, dei um largo passo adiante num processo que já dura três anos, quando doei a maior parte do apartamento em que vivia em sacrifício voluntário de tudo o que não era essencial, seguindo o mesmo velho sonho de infância: ser feliz ao longo da co-criação de uma biografia bem-aventurada.

Dediquei-me a viver benditas dez mil horas de prática que a excelência exige, instigando a sorte com práticas serendípitas, buscando dar um upgrade na carreira professional, que no caso de um artista só pode acontecer com intensa experiência pessoal.

Este texto aqui assinala o fim da primeira temporada no lar + sanatório + laboratório + comunidade terráquea intergaláctica + estúdio + parque de diversões + sociedade alternativa + praça de alimentação para corpo e espírito.

Dia 2 de janeiro estreamos com festa de aniversário da abravanada Cibelle, com direito a privet show dela com Pedro Bernardes e Karina Bhur. Depois tivemos o CineClube, apresentando filmes mais recentes do subversivo Vincent Moon. Iara Rennó, cantora e compositora, fundou com Cibelle e Rubinho Jacobina o bloco carnavalesco A.B.R.A (Amigos Bandidos Residentes do Amor). O ilustrador Gabriel Martins nunca voltou da primeira visita e uma página de jornal depois (num domingo!! n'O Globo! wow) enaltecendo nosso propósito… Eis que a festa Timeless, dedicada a meus amigões Bplus & Eric Coleman, com o mestre DJ JRocc como estrela das pickups, tornou antológico esse primeiro verão da Miradouro.

Na manhã seguinte houve um duplo arco-íris no céu ao lado da casa. #Significa. Fecho o ciclo levando meu novo repertório ASE ao RecBeat durante o carnaval e construindo a plataforma *thalma.com.br* para publicação, divulgação e venda das memes criadas. Uhu!!

Paz na terra aos homens de boa vontade!!! #Partiu-Futuro

MCD

Morcego

Por JAMES SANTOS (Surfista)



MCDBRASIL.NET



NOIZE

DO UNDERGROUND AO MAINSTREAM

#41 / MARÇO / ANO 5